

TEXTO PARA DISCUSSÃO Nº 32

**MARX, A FILOSOFIA E A
ECONOMIA POLÍTICA**

João Antônio de Paula

Maio de 1994

Ficha catalográfica

330.85 P324m 1994	PAULA, João Antônio de. Marx, a filosofia e a economia política / João Antônio de Paula. - Belo Horizonte : UFMG/CEDEPLAR, 1994. 45p. (Texto para discussão/CEDEPLAR ; 32). 1. Economia marxista. 2. Valor. I. Universidade Federal de Minas Gerais. Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional. II. Título. III. Série.
-------------------------	--

Versão preliminar não sujeita à revisão.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO E PLANEJAMENTO REGIONAL**

**MARX, A FILOSOFIA E A
ECONOMIA POLÍTICA**

João Antônio de Paula

Professor do CEDEPLAR e do Departamento
de Ciências Econômicas da FACE/UFMG

**CEDEPLAR/FACE/UFMG
BELO HORIZONTE
1994**

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	MARX E A FILOSOFIA	7
3	A DIALÉTICA	15
4	MARX E A ECONOMIA POLÍTICA	21
4.1	A Economia Política Clássica	21
4.2	A liquidação da Economia Política Clássica	29
5	ESTRUTURA E MÉTODO EM "O CAPITAL"	34
5.1	Introdução	34
5.2	Estrutura de "O Capital"	38

1 INTRODUÇÃO

Todos sabem que Marx construiu seu pensamento à luz de variadas influências - a filosofia clássica alemã, a economia política clássica, o socialismo francês. Lênin e Kautsky escreveram conhecidos trabalhos sobre estas fontes-matrizes do pensamento de Marx. Neste ensaio pretende-se repor alguns elementos da relação do pensamento de Marx com suas matrizes filosóficas e econômicas, buscando sublinhar o essencial da "superação" operada por Marx no que tange àquelas influências.

2 MARX E A FILOSOFIA

Muitas são as vicissitudes da reflexão filosófica no interior deste complexo chamado marxismo. Há os que, interpretando estritamente a 11ª tese sobre Feurbach, condenaram a filosofia à vala comum das "ilusões metafísicas", as quais deviam ser sepultadas. Tal perspectiva, não raro, estiolou-se numa espécie de "cientificação" do marxismo que terminou por reduzi-lo a uma "sociologia evolucionista e mecanicista" - é o caso do projeto presente no seio da IIª Internacional no século passado, tendo Kautsky como seu grande intérprete. Há ainda os que, sem abandonarem a reflexão filosófica, buscam outras matrizes e inspirações que não a dialética hegeliana. É o caso de Galvano Della Volpe, de Lúcio Colletti, que buscaram em Kant o que lhes pareceu impossível encontrar em Hegel: rigor científico. Há ainda Althusser numa trajetória ambígua sobre a questão filosófica, mas, certamente, refratária à influência hegeliana. Finalmente, há os que buscavam conservar e desenvolver a tradição dialética hegeliana no marxismo: é o caso de Lênin dos Cadernos Filosóficos (1914-15), do Korsch de Marxismo e Filosofia (1923), do Lukács de História e Consciência de Classe (1923), dos pensadores da Escola de Frankfurt, de Karel Kosik e sua Dialética do Concreto (1960).

Marx não explicitou suficientemente qual finalmente o lugar e o papel da filosofia em sua obra. Sabemos o quanto lhe era caro o Hegel que tinha aprendido e amado em sua juventude. Sabemos o quanto teria sido importante a obra hegeliana na "exposição" de sua crítica da Economia Política - O Capital. Temos muitas peças deste crucial diálogo de Marx com a filosofia - sua tese doutoral de 1841 sobre as filosofias de Demócrito e Epícuro; sua Crítica da Filosofia do Direito em 1843; a Crítica à Filosofia do Direito de Hegel de 1844, os Manuscritos Econômico-Filosóficos de 1844; em colaboração com Engels escreveu A Sagrada Família em 1845 e A Ideologia Alemã em 1846. Este último é como que um ajuste de contas de Marx-Engels com o passado filosófico comum que os tinha formado. Entretanto, não há em Marx um balanço definitivo do que se conservou em seu "sistema" de sua formação filosófica. Muito

esparças e parcimoniosas, as reflexões metodológicas de Marx deixam enevoadas conexões e rupturas entre a sua obra e suas fontes formadoras.

Em Engels, entretanto, já há tratamento mais explícito e abrangente da questão filosófica. Aí, outro é o problema. Se um livro como Ludwig Feurbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã (1888) pode ser considerado como importante tentativa de expressar a fundo as relações entre Marx e Hegel, e a permanência em Marx do núcleo "revolucionário" do pensamento hegeliano, outra é a avaliação quando consideramos a Dialética da Natureza. Este é um livro problemático em vários sentidos, responsável em muitos casos pelo desinteresse e desconfiança de que o marxismo, a dialética, tivessem qualquer coisa relevante a dizer sobre a realidade natural. Dogmatização e empobrecimento foram duas conseqüências extraídas desta mal posta e digerida "Dialética da Natureza".

Havemann fala que - "durante um período longo e decisivo, que, sob o nome de período stalinista, só pode ser fixado de modo impreciso, o materialismo dialético, dentro e fora da União Soviética, não só não ajudou as ciências naturais na solução de seus problemas, como também contribuiu para dificultar essas soluções".⁽¹⁾ Que se pense no caso Lyssenko. Que se pense na rejeição a Freud, condenado como pensador burguês, em contraposição a Pavlov, criador da verdadeira "psicologia proletária" ...

A questão da construção de uma "cultura proletária" tem, a rigor, o peso da estreiteza intelectual e de uma perversa concepção de socialismo. Neste passo unem-se tanto os censores incultos e boçalizados do stalinismo quanto os sofisticados cultores de "cortes" absolutos entre o socialismo e tudo o que lhe veio antes. Tal procedimento "revolucionário" costuma ser uma reposição de métodos inquisitoriais onde há uma caça aos novos hereges acusados de: formalistas, idealistas, "intelectuais pequeno-burgueses", niilistas, etc. Vêem o socialismo como página em branco, instauração da "verdade" após séculos, milênios de erro e irratio. Não há como não ver nisso uma forma de messianismo radical e obscurantista.

Tal perspectiva do socialismo entende-o no vácuo, esterilizado de todas as contaminações do passado. Ora, o socialismo é sobretudo resultado histórico. Síntese de muitas e diversas determinações, suas raízes amplas embeberam-se da grande tradição racionalista, da grande matriz humanística que pôs sempre a história como centrada no social e em sua realização justa e autêntica. Longa e variada tradição da Grécia Clássica, de Dante, Pico della Mirandola, de Nicolau de Cusa, Giordano Bruno, Francis Bacon, Descartes, de Pascal e Vico, Leibnitz, Spinoza, Rousseau, o Iluminismo, Kant, Hegel. O socialismo tributário dos grandes utopistas (Morus, Campanella) de Fourier, de Saint-Simon, da grande tradição jacobinista. O socialismo como grande herdeiro do que de melhor a humanidade pode produzir, como garantia de preservação e desenvolvimento deste patrimônio comum. O socialismo como continuidade e ruptura com o passado. Falta a dialética aos "construtores" de uma ciência, uma cultura, uma arte proletárias ...

¹ HAVEMANN, Robert. *Dialética sem dogma*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967, p. 18.

O marxismo na IIª Internacional expandiu-se, sua influência política consolidou-se, passou a hegemonizar o movimento operário europeu. Criam-se grandes partidos de massa à luz do marxismo. A grande organização política daquele momento é o Partido Social Democrata Alemão, seu grande nome é Karl Kautsky que assumirá o papel de continuador-herdeiro-guardião da obra de Marx-Engels. É ele que publicará, em 1903, o quarto livro de O Capital, Histórias da Mais-Valia. É ele o mais importante teórico marxista da IIª Internacional.

O Kautsky, o Kautskismo tornam-se o "marxismo" da IIª Internacional. Esta transmutação terá consequências decisivas sobre o futuro do marxismo. Basicamente ela significará o abandono da tradição hegeliano-dialética do marxismo em função de uma aproximação e redução do marxismo a uma espécie de "sociologia evolucionista" - "o papel de Kautsky, do Kautskismo, da social-democracia alemã na derrota da IIª Internacional, a redução do marxismo à ideologia de partido, a relativa paralisia do marxismo teórico, o conúbio com o darwinismo e mais genericamente com o positivismo, dando lugar a uma versão mecanicista e determinista do marxismo".⁽²⁾

E não só o marxismo alemão ressentia-se desse amesquinhamento. Se ele na Alemanha se confunde com o evolucionismo, na Rússia, com Plekânov, ele se transforma num determinismo histórico estreito e sem vida - Uma concepção abstrata e uma ciência naturalista das "leis da história" que é ilustrada de uma maneira marcante pela maravilhosa frase que Plekânov pronunciou ao receber as notícias da revolução de outubro: "mas é uma violação de todas as leis da história!".⁽³⁾

Não se deve entender que o marxismo oficial tenha abdicado da filosofia. Não, ele apenas a amesquinhou. A dialética nas mãos destes guardiões da "pureza teórica e metodológica" transformou-se num conjunto de regras tão insossas quanto incompreensíveis. A filosofia marxista oficial banuiu a dimensão propriamente dialética do pensamento de Marx. Houve como que a perpetuação da visão mecanicista-evolucionista sobre o marxismo, típica do período da IIª Internacional. A hegemonia stalinista preservou e aprofundou tal perspectiva. Tal forte e longa tradição que vai perdurar de 1924 a 1968, não é apenas resultado de uma "hegemonia cultural" do Stalinismo, é, como nos diz Perry Anderson, em seu Considerações sobre o Marxismo Ocidental, reflexo da derrota da revolução mundial - "Assim, desde 1924 a 1968, o marxismo não "parou", como pretendia Sartre mais tarde, mas avançou por um desvio sem fim, afastado de toda e qualquer prática revolucionária. O divórcio entre ambos foi determinado por toda a época histórica. No seu nível mais profundo, o destino do marxismo na Europa radicou na ausência de qualquer grande levantamento revolucionário após 1920, com exceção dos que se sucederam nas zonas

² ANDREUCCI, Franco. "A difusão e a vulgarização do marxismo". In: HOBBSBAWN, Eric Lang. *História do Marxismo* (2, 1ª parte). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, p. 23.

³ LOWY, Michael. *Método dialético e teoria política*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. p. 134.

culturais periféricas da Espanha, Iugoslávia e Grécia (...) A característica oculta do marxismo ocidental no seu todo é assim o de ser produto da derrota" (trad. port., Porto, Afrontamento, S. D., p. 58-59).

Derrota da Revolução Mundial e avanço do fascismo. Derrota da Revolução e Guerra Imperialista. Tais os ingredientes de uma longa etapa histórica em que o "marxismo sobreviveu como que nas catacumbas". Etapa também dos "compromissos", das "Frentes Populares", onde a Revolução foi abandonada, a IIIª Internacional "dissolvida" à luz dos interesses das alianças de guerra. Onde toda divergência foi acusada de traição e toda crítica de "esquerdismo objetivamente pró-fascista". Foi também a grande etapa da resistência antifascista que o marxismo, mais que qualquer força ou ideologia, mobilizou. Marxismo e esperança, marxismo e humanismo, marxismo e razão, marxismo e justiça, marxismo e liberdade. Época também em que o marxismo cunhou vocações, atraiu nomes tão altos quantos os de Sartre, Merleau-Ponty, Benjamin, Della Volpe ...

Esta grandeza moral e política do marxismo, que lhe tinha dado o lugar de grande barricada contra o fascismo e a barbárie era uma das faces de uma realidade problemática que produzia no seu interior os expurgos e os massacres da velha guarda bolchevique, que mais tarde produzirá a invasão da Hungria e da Tchecoslováquia, a repressão à outra primavera da solidariedade. É neste contexto problemático e multifacetado que deve ser vista a reflexão filosófica marxista, necessariamente, marcada pelas contradições e impasses históricos do socialismo.

Lênin é uma extraordinária presença. Sua grandiosidade como dirigente político, como organizador em nada diminui sua obra de pensador. No campo da filosofia, Lênin tem trajetória marcada inicialmente por Plekânov e Kautsky, mas mesmo aí consegue superar os estorvos e limites que estas influências teóricas impunham. Löwy fala-nos da importância decisiva de Hegel na superação leninista dos contornos teórico-políticos da tradição da IIª Internacional - "Mas o mais importante é, pura e simplesmente, que a leitura crítica, a leitura materialista de Hegel liberou Lênin da construção estreita do marxismo pseudo-ortodoxo da IIª Internacional, do limite teórico que esse marxismo impunha a seu pensamento. O estudo da lógica hegeliana foi o instrumento pelo qual Lênin desimpediu o caminho teórico que conduz à estação finlandesa de Petrogrado".⁽⁴⁾

A vitória stalinista significará mais uma vez a condenação do que os censores chamavam "idealismo pequeno-burguês e menchevique", da grande tradição filosófica dialética. Condenação não apenas formal mas letal; a morte e a autocritica. Na onda esterilizante stalinista condenou-se a grande contribuição teórica no campo da economia política de Isaac Rubin. Karl Korsch e Georg Lukács são vozes dissidentes naqueles tumultuosos anos 20. Querem a filosofia, querem realizá-la radicalmente. Contra os dois se move a censura e a pressão stalinista. Um é aliado e banido, Korsch, o outro é obrigado a retratar-se, Lukács.

⁴ LOWY, Michael. *op. cit.* p. 136.

No centro da reação antifilosófica está uma profunda incompreensão do sentido da 11ª tese sobre Feurbach. Entendeu-se a li uma condenação radical à filosofia e ao filosofar. Tal perspectiva como que era a contraparte de uma tendência a superestimar a ciência, o conhecimento "positivo" ante a especulação, os devaneios filosóficos ... Korsch e Lukács, como Henri Lefebvre, são recusas em nulificar a filosofia e ao mesmo tempo esforços vigorosos no sentido de resgatar o sentido autêntico da necessária superação da filosofia que o marxismo projeta. Lefebvre põe assim a questão: "A superação da filosofia não significa, pois, nem sua abolição pura e simples (tese positivista ou cientista), nem o prolongamento, sob a forma mais ou menos renovada, do pensamento tradicional, especulativo, sistemático (tese "filosofante"). A superação da filosofia abre um caminho que não pode ser determinado nem pelo positivismo, nem pelo filosofismo, nem por um materialismo ou um idealismo filosoficamente sistematizador".⁽⁵⁾ Lefebvre concluirá que a superação da filosofia "designa um vir-a-ser que não pode configurar-se e esgotar-se em um discurso (...) Precisa, ao mesmo tempo, de uma espontaneidade e de um projeto, de uma maturação natural e de uma ação refletida. Uma práxis e uma poiésis, diremos brevemente".⁽⁶⁾ Lefebvre estabelece dois elementos cruciais para a autêntica superação da filosofia - práxis e poiésis. Projeto, organização e espontaneidade. Lênin e Rosa Luxemburg, inspiração da reflexão do jovem Lukács e de sua formidável História e Consciência de Classe.

Korsch terá diante da 11ª tese sobre Feurbach e de sua deformação burocrático-positivista a seguinte perspectiva: - "Não se declara com esta frase (11ª tese...), contrariamente ao que imaginaram os epígonos, que toda a filosofia é uma simples quimera; ela exprime, pelo contrário, uma rejeição categórica de toda a teoria, filosófica ou científica, que não seja ao mesmo tempo uma prática, e uma prática real, terrena, deste mundo, humanamente sensível - e não a atividade especulativa da idéia filosófica que, no fundo, não apreende nada senão ela própria. Crítica teórica e revolução prática, concebida como duas ações indissociáveis, não em qualquer sentido abstrato da palavra ação, mas como transformação concreta e real do mundo concreto e real a sociedade burguesa" ...⁽⁷⁾

É Korsch, certamente, o mais próximo de Gramsci. Seja pela ênfase crucial na práxis, seja pela convicção sobre a necessidade da "hegemonia" ideológica do proletariado que ela expressa - "Tal como a ação econômica da classe revolucionária não torna supérflua a ação política, também a ação econômica e política em conjunto não torna supérflua a ação espiritual: ela deve, pelo contrário, ser igualmente levada até o fim, na teoria como na prática, como crítica científica revolucionária e trabalho de agitação, antes da conquista do poder de Estado pelo proletariado, e como trabalho científico de organização e ditadura

⁵ LEFEBVRE, Henri. *Metafilosofia*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1967. p. 81.

⁶ LEFEBVRE, Henri. *op. cit.* p.82.

⁷ KORSCH, Karl. *Marxismo e filosofia*. Porto, Aprontamento, 1977. p.130.

ideológica, depois da conquista do poder de Estado"⁽⁸⁾, manifesto neste trecho de Korsch temas que serão desenvolvidos por Gramsci sobre o papel da cultura, a necessidade da hegemonia ideológico-cultural etc...

Mas é certamente com Lukács que a perspectiva filosófica marxista readquire o brilho a vivacidade. História e Consciência de Classe é ainda dos mais importantes trabalhos filosóficos marxistas deste século. Matriz que inspirará a grande tradição da Escola de Frankfurt, que resgatará a dialética como método e concepção do mundo. Escrito em 1922, aquele livro marca o desenlace de uma trajetória intelectual rica e problemática, fazendo de Lukács um personagem, com fisionomia intelectual tão matizada e complexa, que faz por merecer a qualificação de herói problemático que ele mesmo cunhou para descrever a trajetória de um Raskolnikov, Lucien de Rubempré, Rastignac, Hans Castrop, Adrian Leverkühn ... Lukács, que em sua juventude viveu um romantismo anticapitalista, místico e escatológico. Daí transitará, por influência de seus mestres da Ciência de Espírito (Rickert, Simmel, Weber ...), a um neokantismo de que é testemunho seu livro A Alma e as Formas (1910). O próximo estágio é o hegelianismo de Teoria do Romance de 1914, daí a transição ao marxismo, à revolução e à História e Consciência de Classe.

Lukács em História e Consciência de Classe reinventa a tradição dialética marxista. Redescobre, antes mesmo que fosse publicado, o conceito de alienação que Marx desenvolvera nos Manuscritos Econômico Filosóficos de 1844. Reificação, é assim que Lukács repõe a problemática marxista da alienação. Redescobre ainda em História e Consciência de Classe o Lênin dos Quadernos Filosóficos que só serão publicados em 1929. Lukács, a partir da mesma base de onde partiram Marx e Lênin, reinventa o mesmo que eles, resgata a dialética revolucionária - "Neste nível, enquanto obra político-filosófica e revolucionária, História e Consciência de Classe continua a ser em nossos dias uma obra-prima incomparável porque realiza uma notável síntese dialética (Aufhebung) entre ser e dever ser, valores e realidade, ética e política, tendências profundas e fatos empíricos, objetivo final e dados imediatos, vontade e condições materiais, presente e futuro, sujeito e objeto".⁽⁹⁾

Lukács em História e Consciência de Classe abre para o marxismo as amplas possibilidades de um método, o dialético, que se faz ao mesmo tempo desvelador do véu da alienação e enquanto práxis. Em seu notável ensaio "Que é marxismo ortodoxo" revela-nos o núcleo mais rico de um pensamento e uma prática que se recusam a sacralizarem-se, que estão condenados à revolução, ao devir ... Ser ortodoxo do ponto de vista marxista é não perder de vista a essencialidade do método, da concepção dialético-materialista da realidade - "Al recoger la parte del método de Hegel que apunta al futuro, la dialética, como conocimiento de la realidad, Marx no sólo se ha separado tajantemente de los sucesores de Hegel, sino que ha escindido al propio tiempo la filosofía de Hegel mismo, Marx ha llevado hasta el extremo, con suma

⁸ KORSCH, Karl. *op. cit.* p. 132.

⁹ LOWY, Michael. *Para uma sociologia dos intelectuais revolucionários*. São Paulo, Ciências Humanas, 1979. p. 190.

consecuencia, la tendencia histórica implícita en la filosofía de Hegel, ha transformado radicalmente todos los fenómenos de la sociedad y del hombre socializado en problemas históricos, mostrando concretamente y haciendo metódicamente fecundo el sustrato real del desarrollo histórico".⁽¹⁰⁾

De Lukács à "Escola de Frankfurt" há um arco distendido, tenso, erigido de continuidades e rupturas. Por um lado há um terreno comum de preocupações - a arte, a estética, a dialética, Hegel, Marx, a filosofia. Diálogo, cotejo, permanências e alteridade. O traço mais marcante do pensamento frankfurtiano talvez seja como que a "suspensão da síntese", a sobreimposição do momento negativo da dialética, que é possível detectar-se parcialmente em muitos de seus autores e fortemente em Adorno.

Há, é certo, arbitrariedade em encontrar demasiadas semelhanças entre os autores da chamada "Escola de Frankfurt". Benjamin, Horkheimer, Adorno, Marcuse, Kracauer, Habermas cada um de "per si" mereceria que se os destacasse em suas relações recíprocas e com a filosofia. Arbitrária igualmente, portanto, será a eleição de Adorno como representante daquele pensamento. Entretanto, do ponto de vista da análise que empreendemos, o pensamento adorniano é particularmente interessante, posto que o mais reflexivo e abrangente sobre filosofia e dialética.

A obra de Adorno é imensa e sabidamente complexa. Para muitos comentadores, o ápice de sua produção são dois de seus trabalhos dos anos 60: Dialética Negativa (1966) e Teoria Estética publicada em 1968. Obras de um Adorno maduro. Em Dialética Negativa encontra-se o que poderia ser chamado de testamento adorniano sobre a filosofia e a dialética. Testamento marcado pela desesperança: "A filosofia, que já parecia superada, sobrevive porque o instante de sua concretização foi descurado. O veredicto sumário de que ela só teria interpretado o mundo e que ela, por resignação, também estaria atrofiada em si, torna-se um derrotismo da razão, depois de ter falhado a transformação do mundo".⁽¹¹⁾ Adorno não diz, mas por detrás deste desalento não há como não vislumbrar a degeneração da experiência soviética, a traumática experiência, a guerra ... Desesperança e ceticismo, resignação - "Adorno não via, em seu tempo, nenhuma força social capaz de modificar o status quo da sociedade".⁽¹²⁾ A Dialética Negativa é, assim, expressão desta descoberta radical - a falência da revolução. "A negatividade adorniana é um bálsamo a feridas, é um ópio que permite resignar ante uma luta que não vale a pena (...) A insistência no negativo deve servir à sua superação: entendido como o não-idêntico, deve levá-lo à reconciliação não-forçada com o universal modificado". Como isto pode e deve ser feito, Adorno não diz: "a falta de um 'outro' mais concreto e do caminho a ser percorrido para alcançá-lo aproximam-no da resignação. A utopia

¹⁰ LUKACS, Georg. *Historia y consciencia de clase*. 2 ed. Barcelona, Grijalbo, 1975. p. 19.

¹¹ ADORNO, T. W. Citado por KOTHE, Flávio René. *Benjamin e Adorno: confrontos*. Atica, 1978. p. 200.

¹² KOTHE, Flávio René. *Benjamin e Adorno: confrontos*. Atica, 1978. p. 201.

que nele paira inconsciente é bela demais para ser realizada: não leva a nada, só leva ao nada".⁽¹³⁾ A sobreimposição do negativo, a recusa à síntese é a manifestação de desconfiança diante do espetáculo contemporâneo da hegemonia da técnica e do controle burocrático.

Lukács usa metáfora contundente para designar o pensamento frankfurtiano, diz ele, que é como um hotel com todo o conforto suspenso à beira do abismo. Tal panorama de desolação não é amenizado senão pela arte, pela liberdade, que propiciou o reconhecimento e compreensão da vanguarda artística Kafka, Beckett, Schonberg, Proust ...

A trajetória da "Escola de Frankfurt" parece reproduzir "o beco sem saída" do pensamento dialético. Contra esta tendência moveu-se na Itália uma contracorrente cuja inspiração básica é a reposição do marxismo em bases "científicas" apartando-o de sua problemática vinculação hegeliana: é o projeto dos italianos Galvano Della Volpe e Lúcio Colletti e do francês Louis Althusser. Hoje tal perspectiva teórica está desativada: Della Volpe, morto, Althusser silenciado, Colletti "superou" o marxismo. É, entretanto, no Colletti de hoje que é possível encontrar-se uma extensa síntese de condenações ao marxismo: filosoficamente a dialética é contestada, posto que acientífica; no campo da política há a condenação da ausência de uma teoria política e do Estado, uma teoria do poder e da representação política; do ponto de vista da teoria econômica, Colletti denunciará o caráter definitivamente ambíguo e problemático da teoria marxista do valor.

O ponto realmente fundamental da recusa e abandono de Colletti é a sua visceral oposição à dialética. Diz ele - "Não se faz ciência com uma teoria da alienação e fetichismo, porque ambas estas teorias só têm sentido dentro do finalismo dialético hegeliano. E, graças a Deus, a ciência não dá bola para estas melancolias filosóficas".⁽¹⁴⁾ A exigência de cientificidade levada às últimas consequências, a reinstauração das exigências kantianas.

No outro extremo, na assunção da dialética e da metafísica encontra-se um Gerd Borneheim. Em seu Dialética. Teoria. Práxis ele nos fala da radicalidade da presença e necessidade da dialética e da metafísica, e do caráter redentor da práxis, da práxis antimetafísica. Repondo o sentido da 11ª tese sobre Feurbach diz Borneheim - "Os metafísicos apenas quiseram transformar ou divinizar o mundo de diversas maneiras (...) o importante, porém, é transformá-lo. - Assim, os metafísicos quiseram transformar o mundo, e Marx também quer transformá-lo, e se a transformação de Marx opõe-se à das metafísicas, é porque, evidentemente, há uma divergência no modo como a transformação deve ser compreendida (...) Entende-se, então, que Marx possa dizer: Rebelemo-nos contra esse domínio dos pensamentos. A segunda

¹³ KOTHE, Flávio René. *op. cit.* p. 203.

¹⁴ COLLETTI, Lúcio. *Ultrapassando o marxismo*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1983. p. 102.

transformação, pós-metafísica, se faz pela rebelião, pela revolução e, em definitivo, pela práxis, mas por uma práxis antimetafísica".⁽¹⁵⁾

3 A DIALÉTICA

O pensamento de Marx faz-se imerso em filosofia em todas as suas dimensões. Sua filiação filosófica hegeliana é por demais sabida. Mas não só aí a filosofia é presente. Filosóficos também são os contornos essenciais do pensamento econômico e político que absorve. O empirismo britânico é decisivo na construção teórica de Adam Smith e Ricardo; o Iluminismo, a filosofia do direito natural, são matrizes inequívocas tanto do pensamento fisiocrático quanto do socialismo francês - Saint Simon, Fourier, Proudhon ... Mais que isso. O pensamento hegeliano é uma explícita tentativa de "superar" o melhor da história da filosofia, sendo que tal processo significa - "o superado é qualquer coisa simultaneamente conservada, qualquer coisa que perdeu o caráter imediato, mas nem por isso foi aniquilador".⁽¹⁶⁾ Isto implica, portanto, na conservação em algum nível em Hegel de toda a tradição filosófica ocidental. A leitura da História da Filosofia de Hegel por Marcuse nos apresenta o essencial destas apropriações hegelianas: 1) com Parmênides ele descobre o ser; 2) com Platão o universal; 3) com Aristóteles o conceito; 4) com os epicureos e os céticos o sujeito; 5) com os Neoplatônicos a Idéia Concreta; 6) com o pensamento moderno Descartes, Spinoza e Leibnitz a Idéia como Espírito; 7) com Kant e Fichte a Subjetividade Infinita; Hegel é a descoberta do absoluto conteúdo idêntico à absoluta forma.⁽¹⁷⁾ Tal conjunto de apropriações-superações não é capaz de refletir o núcleo essencial do pensamento hegeliano. Este se põe na Dialética e está na série - totalidade, movimento, negação, superação, e na série Consciência, Espírito, Razão, Absoluto... Séries ao mesmo tempo indissociáveis a articuladas, que culminariam com a série ser, essência e conceito. Marcuse nos apresenta também a evolução do pensamento em Hegel: 1) Exposição do caminho da consciência para o saber (Fenomenologia do Espírito); 2) Exposição do caminho da Idéia no desdobramento de sua inteligibilidade imanente (Ciência da Lógica); 3) caminho do sistema na sua autoconstrução (Enciclopédia das Ciências Filosóficas); 4) Exposição do caminho da Liberdade na sua efetivação como Direito (Filosofia do Direito).⁽¹⁸⁾ E o que representam em Hegel tais categorias? Em Hegel há como que uma transfiguração destas categorias. Elas são animadas

¹⁵ BORHEIM, Gerd. *Dialética. Teoria. Práxis*. Porto Alegre, Editora Globo, 1977. p.75.

¹⁶ HARTMANN, Nicolai. *A filosofia do idealismo alemão*. 2 ed. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1983. p. 464.

¹⁷ MARCUSE, Herbert. *Razão e revolução*. 2 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

¹⁸ MARCUSE, Herbert. *op. cit.*

como que de um sopro de absoluto, deslocadas radicalmente de seus leitos usuais. "A consciência: é o ponto de partida da Fenomenologia do Espírito. Afí fica excluído o que está abaixo da consciência, o Espírito inconsciente e a Natureza".⁽¹⁹⁾ A consciência "seria a necessária reflexão sobre o sentido do presente na ação histórica e que é prerrogativa essencial do ator histórico ou, simplesmente, do homem, sujeito da história (...) A consciência como todas as infinitas formas de captação dos sentidos que estruturam, ordenam as obras de cultura".⁽²⁰⁾ Hartmann vê a Fenomenologia do Espírito como expressão da dialética consciência e saber: "a Fenomenologia do Espírito não é outra coisa senão o empreendimento de conduzir a consciência ao seu mais alto grau, quer dizer, até ao ponto em que a lógica se inicia".⁽²¹⁾ Esta colocação abre-se, então, para uma série de desdobramentos que buscam captar o movimento da consciência: a) o ponto de partida da Fenomenologia ... é o eu - "entretanto, o sujeito afí não se caracteriza pelo que faz, mas sim pelo que sabe de si mesmo, pelo que lhe é dado de si";⁽²²⁾ b) "o autoconhecimento do sujeito não progride por si, mas pelo conhecimento progressivo do objeto";⁽²³⁾ c) finalmente, "que as formas fenomenais do objeto são, ao mesmo tempo, formas fenomenais do sujeito".⁽²⁴⁾ A ciência seria justamente a possibilidade radical de "distinguir na própria manifestação ou fenômeno, entre a aparência e o ser".⁽²⁵⁾ A consciência, o saber, a ciência como formas de se libertar da aparência. Processo este que se dá pela Dialética, que é sobretudo "a experiência que a consciência tem de si mesma".⁽²⁶⁾

A descoberta da essencialidade da Dialética no sistema hegeliano. A Fenomenologia da Dialética é posta. Já ali a Dialética se deixa entrever como para além de método, para além de lógica. A Dialética como "o real, que a si mesmo se estabelece, o que em si mesmo vive, a existência em seu conceito".⁽²⁷⁾ Será na Ciência da Lógica que Hegel tratará da essência da Dialética que ali assumirá a forma de ontologia, de processo do absoluto - "a dialética trata não só do saber do absoluto, mas também do movimento e desdobramento do próprio absoluto (...) A Dialética não se reduz a ser um 'método'. Ao

¹⁹ HARTMANN, Nicolai. *op. cit.* p. 371.

²⁰ MARCUSE, Herbert. *op. cit.*

²¹ HARTMANN, Nicolai. *op. cit.* p. 371.

²² HARTMANN, Nicolai. *op. cit.* p. 372.

²³ HARTMANN, Nicolai. *op. cit.* p. 372.

²⁴ HARTMANN, Nicolai. *op. cit.* p. 372.

²⁵ HARTMANN, Nicolai. *op. cit.* p. 374.

²⁶ HARTMANN, Nicolai. *op. cit.* p. 375.

²⁷ HARTMANN, Nicolai. *op. cit.* p. 377.

mesmo tempo que é dialética do pensar, é-o também do seu objeto, e o seu movimento imita o nosso próprio movimento, mas só o será na medida em que for fielmente no encalço do objeto".⁽²⁸⁾

E o que é afinal a dialética? Sua essência? A ausência de uma resposta definitiva e única a esta questão não nos deve apartar de buscar captar sua estrutura, sua superfície, sua dinâmica. "O movimento, o fluxo, a transformação e a adaptação são a estrutura da dialética".⁽²⁹⁾ São estes os elementos revolucionários que serão apropriados por Marx do pensamento hegeliano. Engels assim se refere a esta questão - "A grande idéia cardinal de que o mundo não pode ser concebido como um conjunto de objetos acabados, mas sim como um conjunto de processos, no qual as coisas que parecem estáveis, tal como os seus reflexos mentais nas nossas cabeças, os conceitos, sofrem uma ininterrupta mudança, através de um processo de devenir e desaparecer, através do qual, apesar de todo o seu aparente caráter fortuito e todos os retrocessos momentâneos, acaba sempre por se impor uma trajetória progressiva; esta grande idéia cardinal encontra-se já de tal modo arraigada, sobretudo desde Hegel, na consciência comum que, exposta assim, em termos gerais, quase não encontra oposição".⁽³⁰⁾

Neste trecho de Engels a reposição de uma série de elementos cruciais na relação Marx-Hegel: 1) o mundo como totalidade em movimento; 2) a transformação, a metamorfose, o devenir, o desaparecer como manifestações do ser. A série hegeliana apropriada por Marx - totalidade, movimento, negação, superação... Aí o papel crucial do negativo - que é "princípio motor que continuamente impele este processo e o leva além de si mesmo".⁽³¹⁾ O "poder do negativo" que assim mantém consciência em movimento vivo, o que constitui o cerne mais fundo desta mobilidade (...). O verdadeiro é a vida do processo, o negativo, será então, o elemento central da essência da consciência".⁽³²⁾ A presença da negação, o poder do negativo, a posição central da contradição - "O absoluto é mobilidade e vitalidade absoluta, e no seu autodesdobramento reúne-se todo o contraditório".⁽³³⁾ A contradição e a superação (ponto central no edifício formal da dialética) são em Hegel a resultante de uma série desdobrada de desenvolvimentos. Das aporias aristotélicas às antinomias Kantianas, há a postulação do outro, da alteridade. Goethe no Fausto faz Mefístofeles dizer - "eu sou aquele que tudo nega e com razão". O negativo, como a força da razão, do Absoluto.

²⁸ HARTMANN, Nicolai. *op. cit.* p. 369-70.

²⁹ HARTMANN, Nicolai. *op. cit.* p. 463.

³⁰ ENGELS, Friedrich. *Ludwig Fuerbach e o fim da filosofia clássica alemã* (textos filosóficos). Lisboa, Presença, s.d. p. 73.

³¹ HARTMANN, Nicolai. *op. cit.* p. 383.

³² HARTMANN, Nicolai. *op. cit.* p. 383.

³³ HARTMANN, Nicolai. *op. cit.* p. 467.

Anaximandro construiu o conceito de apeiron como o ilimitado - "tudo o inclui e o tudo o governa".⁽³⁴⁾ Aristóteles o interpretará como imperecível, como imortal, divino. A dialética do Absoluto se põe também aqui como negação - "A saída das coisas do apeiron é uma separação dos contrários que lutam neste mundo, a partir do todo originariamente unido".⁽³⁵⁾ Está aí posta a idéia fundamental da dialética hegeliana - a negação, a contradição como um momento de Razão Absoluta. Guimarães Rosa em seu notável "Grande Sertão" reproduz esta questão filosófica central assim - "quem sabe, a gente criatura ainda é tão ruim, tão, que Deus só pode às vezes manobrar com os homens é mandando por intermédio do dia? Ou que Deus - quando o projeto que ele começa é para muito adiante, a ruindade nativa do homem só é capaz de ver o próximo de Deus é em figura do Outro?"⁽³⁶⁾ A astúcia da Razão e a indissolúvel relação entre Deus e o Outro, entre o Bem e o Mal. A anfíbolia radical do ser - o ser já contém em si a duplicidade, o desdobramento é uma realização da natureza (substância) dúplice do real (ser). Aporias, antinomias dissovem-se então em Anfibolia, Aristóteles, Kant e Hegel caminho percurso, síntese. Em Hegel as antinomias se dissovem - "Hegel quer projetar uma ontologia em última análise unitária para a natureza e a história, na qual a natureza constitui uma base e uma pré-história muda, não intencional, da sociedade".⁽³⁷⁾

Hegel como a resultante de uma outra síntese de contrários: Parmênides - Heráclito, o ser e o movimento. Em Parmênides o ser é - "alheio ao devenir, é imutável, imperecível, complexo e único, incomovível, eterno, onipresente, unitário, coerente, indivisível, homogêneo, ilimitado e concluso".⁽³⁸⁾ Heráclito é a postulação do outro do ser, de sua dialética - "o incessante ascenso e descenso do devenir e perecer, o inesgotável fundo primário, do qual tudo surge e no qual tudo retorna, o curso circular das formas sempre cambiantes que recorrem constantemente ao ser".⁽³⁹⁾

A radicalidade de Hegel é sua sede de absoluto. Seu sistema uma inesgotável paixão - "A ordem e a conexão das idéias (do subjetivo) são idênticas à ordem e a conexão das coisas (objetivo). Tudo que existe o faz apenas numa totalidade, a totalidade objetiva e a totalidade subjetiva, o sistema da natureza

³⁴ JAEGER, Werner. *Paidea: los ideales de la cultura griega*. México, Fondo de Cultura Económica, 1957. p. 158.

³⁵ JAEGER, Werner. *op. cit.* p. 158.

³⁶ GUIMARÃES ROSA, João. *Grande sertão: veredas*. 5 ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1967. p. 33.

³⁷ LUKACS, Georg. *Ontologia do ser social. A falsa e a verdadeira ontologia de Hegel*. São Paulo, L. F. Ciências Humanas, 1979. p. 16.

³⁸ JAEGER, Werner. *op. cit.* p. 173.

³⁹ JAEGER, Werner. *op. cit.* p. 176.

e o sistema da inteligência são uma só e mesma coisa; a uma determinação subjetiva corresponde a mesma determinação objetiva".⁽⁴⁰⁾

O pensamento de Hegel como compromisso com o novo, "Tudo o que existe merece perecer" diz Goethe. A dialética como concepção-método que faz saltar o real de suas dobradiças, o que é vida-revolução. "A contradição não se deve considerar como uma simples anomalia, que acontece aqui e ali, mas sim como o negativo na sua determinação essencial, quer dizer, o princípio de todo o movimento que não é senão a exposição da contradição".⁽⁴¹⁾

É este pensamento pleno de vida que Marx herdará, superará. Sua presença se explicitará a cada momento da construção de Marx, enquanto lógica e enquanto ontologia. A tão repetida quanto pouco entendida passagem do abstrato concreto em Marx, passagem que é a forma mesma da exposição de O Capital, a metamorfose-odisséia da categoria mercadoria aprende-se em Hegel como movimento do concreto - "A natureza animal é a verdade da natureza vegetal; e essa por sua vez é a verdade da natureza mineralógica; a terra é a verdade do sistema solar. Em um sistema, o mais abstrato é o primeiro enquanto a verdade de toda a esfera é o último; ao mesmo tempo, porém, ele é apenas o primeiro de um estágio superior".⁽⁴²⁾ A extraordinária capacidade de conhecer-transformar que a dialética significa, através do movimento dos conceitos - "O pensamento gira, por assim dizer, em volta do objeto, vê-o de lados sucessivamente diferentes e novos, e, com isso varia a forma cunhada por ele para conter o objeto, quer dizer, o conceito".⁽⁴³⁾ É este o maravilhoso da exposição do valor em Marx, suas sucessivas metamorfoses, os desdobramentos dialéticos da realidade econômica - mercadoria-valor; valor de uso-valor de troca; trabalho concreto-trabalho abstrato; dinheiro-capital; processo de trabalho-processo de valorização ...

A Dialética "que é um modo de ver que observa o brilho da contradição sem perder o vínculo do contraditório com a unidade, que é característico da coisa".⁽⁴⁴⁾

Com Hegel, Marx aprende o sentido do negativo, aprende a negação do dado, do aparente. Com Hegel, Marx aprende o significado profundo da crítica - "A filosofia de Hegel ... é, na sua origem, motivada pela convicção de que os fatos que aparecem ao senso comum como indícios positivos da verdade são, na realidade, a negação da verdade, tanto que esta só pode ser estabelecida pela destruição daqueles. A força que move o método dialético está inteiramente ligada à idéia de que todas as formas do

⁴⁰ LUKACS, Georg. *op. cit.* p. 34.

⁴¹ HARTMANN, Nicolai. *op. cit.* p. 467.

⁴² LUKACS, Georg. *op. cit.* p. 55.

⁴³ HARTMANN, Nicolai. *op. cit.* p. 412.

⁴⁴ HARTMANN, Nicolai. *op. cit.* p. 450.

ser são perpassadas por uma negatividade essencial, e que esta negatividade determina seu conteúdo e movimento".⁽⁴⁵⁾ A apropriação realizada por Marx desta matriz filosófica acaba por plasmar-se na construção de uma crucial relação dialética posta na duplicidade - Alienação e Práxis. São estas as categorias centrais da arquitetura filosófica de Marx.

Seu pensamento é um incessante desdobrar-se ante tal antinomia. O mundo alienado, o mundo das aparências, o mundo da "pseudo-concreticidade" sendo desvelado, repostado, transformado pela ação da crítica, da práxis. Alienação e Práxis como momentos necessários da dialética - "O complexo dos fenômenos que povoam o ambiente cotidiano e atmosfera comum da vida humana, que, com a sua regularidade, imediatismo e evidência, penetram na consciência dos indivíduos agentes, assumindo um aspecto independente e natural, constitui o mundo da pseudo-concreticidade".⁽⁴⁶⁾ A práxis é possibilidade, é a forma de destruição do mundo alienado - "A práxis na sua essência e universalidade é a revelação do segredo do homem como ser ontocriativo, como ser que cria a realidade (humana e social) e que, portanto, compreende a realidade (humana e não-humana, a realidade na sua totalidade). A práxis do homem não é atividade prática contraposta à teoria; é determinação da existência humana como elaboração da realidade".⁽⁴⁷⁾

Muito já se escreveu sobre a famosa reposição-inversão que Marx teria empreendido na dialética tal como Hegel a concebera - a famosa e um tanto mal compreendida metáfora do que está de cabeça para baixo deve ser posto de pé. O padre Henrique de Lima Vaz, ao tratar da relação Marx-Hegel, das fontes filosóficas do pensamento de Marx, fala da diferença radical entre as duas dialéticas, a de Marx e de Hegel, que estaria no carácter circular da Dialética em Hegel e linear em Marx.⁽⁴⁸⁾ Para Vaz, Marx resume a Dialética "no domínio da prática final voltada imediatamente para a satisfação das necessidades, sem passar pelo retorno reflexivo da consciência, característico da mediação fenomenológica em Hegel. Para Marx, a realidade histórico-social explicita sua dialética no entrelaçamento dos modos e relações de produção, e aí que a lógica toma corpo, sem refluxo idealista para o sistema, que ele censura em Hegel"⁽⁴⁹⁾

Esta caracterização da Dialética em Marx como Linear, se pode ser legítima para diferenciá-la da de Hegel que é circular, pode, entretanto, limitar o seu alcance e sentido. A linearidade supõe caminho unívoco, unilateralidade. A Dialética em Marx tem uma outra textura, não se resume "ao entrelaçamento

⁴⁵ MARCUSE, Herbert. *op. cit.* p. 37.

⁴⁶ KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. 2 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976. p. 11.

⁴⁷ KOSIK, Karel. *op. cit.* p. 202.

⁴⁸ VAZ, Henrique de Lima S. J. "Sobre as fontes filosóficas do pensamento de Karl Marx". *Boletim SEAF*, nº 2, Belo Horizonte, 1982. p. 12.

⁴⁹ VAZ, Henrique de Lima S.J. *op. cit.* p. 12.

dos modos e relações de produção". Há toda uma rica e viva dinâmica que se põe na articulação destas relações com as que se dão na sociedade civil e destas ainda com as que se manifestam ao nível da sociedade política, do Estado.⁽⁵⁰⁾ Há, portanto, uma série de conjuntos, constelações de relações que atravessam as formações econômico-sociais, as sociedades, de alto a baixo. A Dialética em Marx não se esgota no plano dito "infra-estrutural". Sua presença organiza o ser social em todas as suas manifestações: de sua reprodução material ao conjunto de representações-ideologias que marcam o mundo da sociedade civil, e deste à esfera do Estado.

Que a Dialética em Marx é tanto a realidade econômico-social quanto a política, é tanto método de compreensão do real, quanto construção-reposição dele, através da práxis.

4 MARX E A ECONOMIA POLÍTICA

4.1 A Economia Política Clássica

"Economia Política Clássica" expressão tão disseminada quanto mal compreendida. Muitos a entendem circunscrita a uma época muito restrita, a um país determinado - o final do Século XVIII e início do XIX na Inglaterra. Outro ainda, como Keynes, utilizou-a para designar tudo o que o antecederia: de Ricardo ao professor Pigou ... À tendência de ver a "Economia Política Clássica" como pensamento de uma época determinada é possível contestar que tal procedimento deixa de considerar as profundas e inconciliáveis diferenças entre contemporâneos, deixa de considerar a presença da chamada "Economia Vulgar" e suas características. Quanto à outra acepção, a que vê Economia Política Clássica como fenômeno inglês, basta lembrar a presença marcante de escoceses, franceses e pelo menos de um homem do "novo mundo", Benjamin Franklin, cujas contribuições são decisivas no caminho da constituição da Economia Política. De resto, limitar a Economia Política Clássica a um período restrito (final do Século XVIII e início do XIX) interdita contribuições decisivas como as de William Petty e Boisguillebert por exemplo, que são da segunda metade do Século XVII e início do Século XVIII ... Assim devemos concluir, até aqui, que a Economia Política Clássica é pensamento que se estende do Século XVII ao XIX, que não é exclusivo de um único país, e que não significou um "paradigma" como os que impuseram-se ao nível das ciências exatas.⁽⁵¹⁾

⁵⁰ Sobre os conceitos de sociedade civil e sociedade política ver BOBBIO, Norberto - *O Conceito de Sociedade Civil*. Rio de Janeiro, Grael, 1982.

⁵¹ KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo, Perspectiva, 1975.

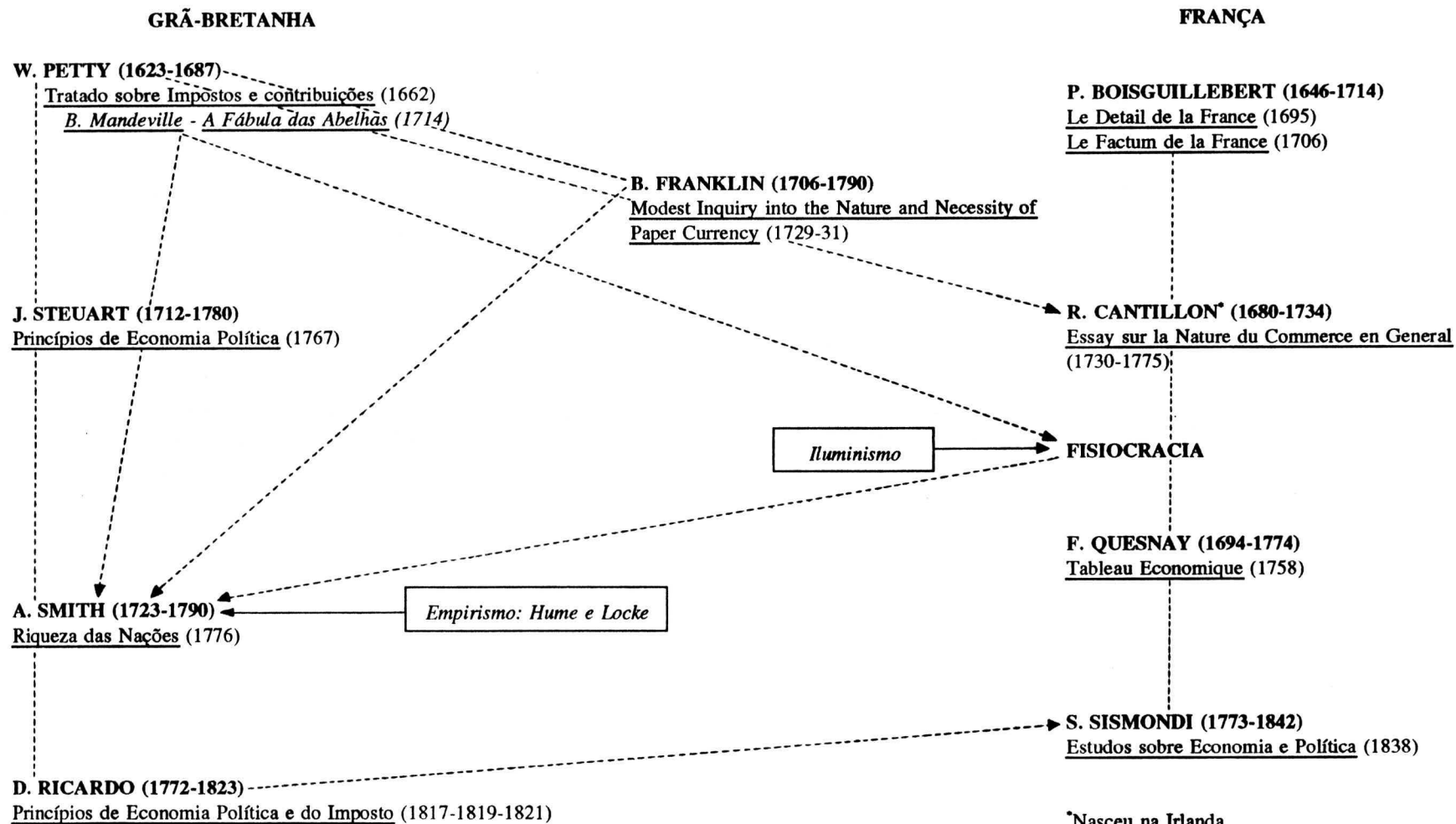
A questão do "paradigma" em ciências humanas-sociais é questão que merece destaque. Se nas ciências exatas há épocas-idades científicas marcadas por "paradigmas" aceitos por toda a comunidade científica, definindo um objeto e uma metodologia, uma linguagem, nas ciências humanas-sociais há disputa e contradição. Assim o momento mesmo em que se ergue imponente a grande construção ricardiana, é também o momento dos Say, dos Bastiat, dos Carey, dos MacCulloch, da "Economia Vulgar", de uma outra maneira de conceber a realidade econômica, de uma outra concepção teórica. A razão desta disputa, onde correntes teóricas diversas buscam explicar-entender alternativamente os mesmos objetos, e que tal disputa expressa contradições histórico-sociais concretas, interesses materiais e políticos cruciais, o poder.

O que, então, caracteriza afinal a Economia Política Clássica?⁽⁵²⁾ Um método, uma visão da economia; a) centralidade da produção, da esfera da produção como determinantes da economia; b) uma teoria objetiva do valor, a teoria do valor-trabalho; c) a visualização da economia como organismo, sociedade econômica constituída por classes sociais, sendo a vida da economia dada pelas relações entre as classes; d) uma preocupação sistemática com os recursos naturais e a população, fazendo destes realidades econômica e teoricamente relevantes; e) a preocupação com o destino da economia capitalista, seu futuro, seus obstáculos ... Tais características podem assumir contornos mais ou menos claros, mais ou menos consistentes nos vários autores. Em Ricardo há uma rigorosa construção que se faz a partir de uma teoria da distribuição da renda. Em Smith há ambigüidades e contradições ...

Um quadro possível da revolução da economia política clássica é o que se segue.

⁵² A evolução da economia política é objeto de um grande número de "histórias do pensamento econômico". Para os efeitos da análise que aqui pretendemos, essenciais são as momentais - *História da Análise Econômica de Schumpeter e História da Mais-Valia de Marx*.

QUADRO 1 QUADRO DA EVOLUÇÃO DA ECONOMIA POLÍTICA CLÁSSICA



Do Quadro 1, ressalte-se a importância da influência filosófica sobre o "corpus" teórico da economia política clássica: B. Mandeville e sua Fábula das Abelhas ou a "Virtude Pública é o Vício Privado" é uma das peças teóricas mais importantes na construção do pensamento econômico liberal. A "Mão Invisível" de Adam Smith, o "laissez-faire" dos fisiocratas são extensões do princípio de Mandeville. A influência do pensamento iluminista é decisiva através da filosofia do Direito Natural. É esta a inspiração básica da elaboração da Economia enquanto realidade regida por leis regulares e cognoscíveis. Com os iluministas afirma-se um conjunto de princípios fundamentais na consolidação da Economia Política. Tais princípios são: 1) que a realidade não é caótica; 2) que ela é regida por leis; 3) que tais leis podem ser conhecidas; 4) que estas leis são expressões da natureza, são leis naturais; 5) que a apreensão destas leis e a submissão a elas garantirão a plenitude da "razão", a extirpação do erro e da contradição. Este conjunto de princípios significou uma extraordinária conquista político-teórico, em que pese os limites do seu "naturalismo". No fundamental tais princípios abriram caminho para a afirmação da liberdade para a supressão dos privilégios feudais. O iluminismo como materialismo-humanismo limitado, mas alavanca de transformações. O empirismo britânico (Hume-Berkeley) terá importância decisiva na obra smithiana.

William Petty é a grande matriz inicial da Economia Política Clássica. Em sua obra encontra-se uma teoria da Divisão do Trabalho e da Formação dos Preços, uma teoria dos salários (mínimo de subsistência) e uma teoria da renda da terra. Uma teoria da equalização dos lucros e uma teoria dos juros. Todas as grandes questões da Economia Política, além de uma explícita teoria do valor trabalho onde "o capital é o resultado do trabalho realizado". Boisguillebert é um precursor dos fisiocratas em vários sentidos: na defesa dos interesses agrícolas e do laissez-faire e na visualização da concorrência como princípio econômico fundamental. Encontra-se também em sua obra uma idéia fundamental na obra de Marx - a do "crime et violence" como bases da riqueza.

Cantillon, um irlandês que fez carreira e obra na França, é um discípulo de Petty, tal como aquele verá na terra e no trabalho as bases da riqueza. Também como Boisguillebert vê a propriedade como fundada na violência. Sua concepção sobre as classes sociais e as rendas tornam-no precursor do Tableau de Quesnay.

Sobre Benjamin Franklin assim se refere Marx: "A primeira análise consciente, de uma clareza quase banal, do valor de troca, reduzido a tempo de trabalho, é a de um homem do novo mundo, onde as relações burguesas de produção, importadas simultaneamente com seus portadores, brotaram rapidamente em uma terra que compensava sua falta de tradição histórica pela abundância de humus. Este homem é Benjamin Franklin que, em seu trabalho de juventude, escrito em 1729 e mandado imprimir em 1731, formulou a lei fundamental da economia política moderna".⁽⁵³⁾

Os fisiocratas são momento particularmente interessante na evolução da Economia Política. Envoltos em capa feudal, a fisiocracia é uma sutil e complexa estrutura que nega-se a unilateralismos e simplificações. Suas contribuições armaram o cenário principal sobre o qual a Economia Política erguer-se-

⁵³ MARX, Karl. Para a crítica da Economia Política. In: *Os Pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, 1974. p. 162.

á enquanto ciência. É dos fisiocratas o conceito de sociedade econômica, ou seja, de organismo econômico articulado, vivo, com funcionamento (anatomia e fisiologia) possível de ser fixado e aprendido. É fisiocrata a importância do conceito de trabalho produtivo e improdutivo. São fisiocratas os conceitos de: equivalente, reprodução, excedente, circulação, produção...⁽⁵⁴⁾ Schumpeter identifica nos fisiocratas teorias sobre a população, os salários, os juros, uma teoria monetária, dos preços e do capital; vê em Turgot (1727-1781) um autor superior a Adam Smith em sistematicidade e amplitude de perspectiva.⁽⁵⁵⁾ Para além de toda a inequívoca construção teórica, a fisiocracia é sobretudo uma arma político-ideológica contra os privilégios e as sanções do Estado Absolutista. Sua teoria do Imposto Único é uma explícita condenação ao feudalismo e aos seus privilégios.

James Steuart com seus Princípios de Economia Política de 1767 construirá o modelo de Principles que terá em John Stuart Mill e seus Principles de 1848 o último exemplar da Economia Política clássica e com os Principles of Economics de Marshall em 1890 o primeiro Principles "neoclássico". Em Steuart encontra-se um sistema completo: população, comércio e indústria, capital e moeda, crédito, Débitos e Impostos. Marx vê nele o primeiro economista a distinguir entre trabalho social e trabalho concreto - "O que distingue Steuart de seus predecessores, como também dos seus sucessores, é a nítida diferenciação entre o trabalho especificamente social, que se apresenta no valor de troca, e o trabalho real, que obtém valores de uso".⁽⁵⁶⁾

Sismondi representa o desenlace especificamente francês da evolução da Economia Política; mais que isso, Marx vê em Sismondi momento reflexivo negativo, dialético da Economia Política em que depois de realizada por Ricardo ela volta-se para si mesma e se interroga, se questiona. "Se em Ricardo, a Economia Política chega a suas últimas consequências e, com isso, se perfaz, Sismondi completa este acabamento representando ele próprio a dúvida que a Economia Política tem de si mesma".⁽⁵⁷⁾ Sismondi é a denúncia do grande capital industrial, a perspectiva da crise aguda e profunda do capitalismo.

Adam Smith, com a Riqueza das Nações de 1776, representa um passo decisivo rumo ao plano superior da construção teórica clássica. É ele a ponte mais importante entre a infância da Economia Política como ciência e sua maturidade-auge em Ricardo. Livro complexo e abrangente, sistema, a Riqueza das Nações oferece inúmeras dificuldades interpretativas porque ambígua em seu núcleo teórico fundamental, em sua teoria do valor.

Sobre as ambigüidades da teoria do valor de Smith muito já se escreveu. Muitos chegam a identificar quatro pontos de vista excludentes sobre o valor em Smith: 1) contra uma teoria do valor (Livro I, cap. 4); 2) teoria dos custos de produção (Livro I, cap. 6); 3) teoria do valor desutilidade do trabalho

⁵⁴ BELLUZZO, Luiz Gonzaga de Melo. *Um estudo sobre a crítica da economia política*. Campinas, UNICAMP, 1975.

⁵⁵ SCHUMPETER, Joseph. *História da análise econômica*. v. 1, Rio de Janeiro/São Paulo, Fundo de Cultura, 1964, p. 309.

⁵⁶ MARX, Karl. Para a crítica da Economia Política... p. 165.

⁵⁷ MARX, Karl. *op. cit.* p. 167.

(Livro I, cap. 5); 4) teoria do valor-trabalho (Livro I, cap. 6). Tantas teorias do valor revelam, na verdade, dificuldades reais, mais que uma particular indefinição intelectual. Na verdade, tal ambigüidade é a expressão cega de um complexo esforço smithiano de retirar a economia da "naturalidade" em que estava mergulhada. Significa a tentativa problemática de ver a sociabilidade das relações capitalistas de produção para além dos seus estreitos limites no momento em que Adam Smith escrevia, ingente período de eclosão da Revolução Industrial. Se em Adam Smith a ambigüidade sobre o valor é o resultado de um "olhar que não pode ver o que não está lá", ou seja, as relações sociais de produção capitalistas plenamente desenvolvidas, em Ricardo a oscilação tem outro sentido. É a circunscrição da teoria do valor à sua dimensão estritamente quantitativa. É essa a recorrente preocupação ricardiana que se realiza primeiro no Ensaio de 1815, que parece resolvida nas Principles em 1817 e que finalmente assume sua derradeira forma no Ensaio de 1823 "sobre valor de troca e valor absoluto" inconcluso e postumamente publicado. Estes três trabalhos têm em comum serem tentativas de encontrar "medida invariável do valor" que oscila da medida trigo à medida trabalho e desta à medida absoluta, a qual será retomada e concluída em seus próprios termos por Sraffa em sua Produção de Mercadorias por Meio de Mercadorias de 1960.

Tanto Smith quanto Ricardo têm, no que tange à teoria do valor, seus maiores problemas teóricos. É ali, no emaranhado de soluções e contra-soluções, na afirmação e contradição de idéias que está o núcleo mesmo do que faz estes autores luminares do que de melhor o pensamento burguês pode produzir. A oscilação, a dilaceração de perspectivas, como o ardil de pensamentos que vão até o limite de suas possibilidades, que arranham a superfície da negação, que estão a um passo de descortinarem uma nova luz, o que significaria romper teórica e ideologicamente com o que representavam. De resto faltou-lhe também uma outra dimensão do valor além da substância e da magnitude: faltou-lhes a teoria da forma do valor crucial na reposição da teoria marxista do valor. Para uma análise das relações entre Smith e Ricardo e destes com relação a Marx veja o Quadro 2.

QUADRO 2

ADAM SMITH RIQUEZA DAS NAÇÕES (1776)	DAVID RICARDO PRINCÍPIOS... (1817, 1819, 1821)	KARL MARX O CAPITAL (1867, 1885, 1894, 1903)
LIVRO I - VALOR E DISTRIBUIÇÃO	CAPÍTULO I - VALOR	
Cap. 1 - Divisão de Trabalho	1 - Valor de Uso e Valor de Troca -----	Livro I: Cap. I, item 1
2 - Divisão de Trabalho	2 - Trabalho Simples e Complexo -----	Livro I: Cap. I, item 2
3 - Divisão de Trabalho	3 - Trabalho Imediato e Acumulado -----	Livro I: Cap. VI; Livro II: Caps. VI e VIII
4 - Valor de Uso e Valor de Troca	4 - Rotação do Capital -----	Livro II: 2ª parte
5 - Teoria do Valor-Desutilidade	5 - Rotação do Capital -----	Livro II: 2ª parte e Livro III: Cap. XI
6 - Teorias dos Custos de Produção, Valor-trabalho	6 - Medida Invariável do Valor -----	SRAFFA (1960)
7 - Teoria do Equilíbrio	7 - Variações no Valor do Dinheiro -----	Livro I: Caps. I, II, III
8 - Teoria dos Salários	CAPÍTULO II - RENDA -----	Livro III: Caps. XXXVII a XLVII
9 - Teoria dos Lucros	CAPÍTULO III - RENDA DAS MINAS -----	Livro III: Cap. XLVI
10 - Teoria dos Lucros	CAPÍTULO IV - PREÇO NATURAL E PREÇO DE MERCADO -----	Livro III: Caps. I a XII
11 - Teoria da Renda	CAPÍTULO V - SALÁRIOS -----	Livro I: Caps. XVII a XX
LIVRO II - TEORIA DO CAPITAL	CAPÍTULO VI - LUCROS -----	Livro I: 3ª, 4ª, 5ª e 6ª partes e Livro III: Caps. I a XV
Cap. 1 - Capital Fixo e Circulante	CAPÍTULO VII - COMÉRCIO EXTERIOR -----	PROJETO QUE NÃO SE REALIZOU
2 - Teoria Monetária	CAPÍTULO VIII	
3 - Trabalho Produtivo e Improdutivo	TRIBUTAÇÃO	
4 - Teoria dos Juros	E	
5 - Diversos Capitais	MISCELÂNEA	
LIVRO III - CAPÍTULO 1 A 4	CAPÍTULO XXXI	
História Econômica		
LIVRO IV - CAPÍTULO 1 A 9		
História do Pensamento Econômico (Fisiocrata e Mercantilista)		Livro IV (Teoria da Mais-Valia)
LIVRO V - CAPÍTULO 1 A 3		
Finanças Públicas		

Do entrecruzar-se de influências vislumbra-se um território comum de preocupações, de questões. Na estrutura dos livros de Smith e Ricardo a inequívoca comunhão. A relação de O Capital com os dois livros é ao mesmo tempo de continuidade e ruptura. Não haveria O Capital sem o Principles de Ricardo, como não haveria este sem a Riqueza das Nações de Smith. O livro de Smith é generoso e rico. De suas águas nascem outros rios tão caudalosos quanto a água que lhe deu origem. Os cinco livros da Riqueza das Nações abrem-se, multiplicam-se, cada capítulo, cada idéia, cada teoria fundando um patrimônio que não mais será abandonado pela Economia Política.

A relação entre Marx e Ricardo, entre os Principles e O Capital é inicialmente simétrica. Os dois primeiros itens do capítulo sobre o valor de Ricardo são repostos integralmente por Marx. Mesmo ali, a radicalidade da diferença. Marx ao mesmo tempo recoloca a problemática do trabalho distinguindo-o "abstrato e concreto", quanto cria duas novas idéias essenciais em sua teoria: a teoria da forma de valor e a teoria do fetichismo da mercadoria, itens 3 e 4 do capítulo I do Livro I de O Capital.

Em Ricardo a sequência da discussão do valor, nas restantes seções III a VII, será retomada por Marx de forma radicalmente diferenciada. Tal subversão empreendida por Marx, recolocando os temas ricardianos em novos contextos, dando-lhes novos significados e respostas é ao mesmo tempo a realização de um novo projeto teórico e a consagração da relevância da problemática ricardiana que é conservada e reposta por Marx. Neste sentido, podemos dizer que tanto Marx conserva e repõe questões ricardianas, dando-lhes novas respostas, quanto institui novas questões, questões que emergem com a originalidade e a contundência das revoluções.

Vale a pena observar que a perspectiva de Marx sobre a lei do valor, sobre esta lei fundamental do capitalismo, nem sempre foi favorável. Tal como os membros da chamada "Escola Histórica Alemã" a reação de Marx ante a teoria do valor-trabalho de Ricardo era de recusa, denúncia do único e irrealista da economia ricardiana. O jovem Marx vê no valor um artifício que é capaz de dar conta das flutuações e caráter anárquico dos preços - "O que havia chocado Marx foi, na ocasião de seu primeiro encontro com Ricardo e toda a escola clássica, a oposição aparente entre os efeitos da concorrência - as flutuações dos preços resultantes do jogo da lei da oferta e da procura - e a estabilidade relativa do "valor de troca", determinada pela quantidade de trabalho necessário à produção".⁽⁵⁸⁾

Só com o estudo sistemático da economia política, com a compreensão do pensamento ricardiano é que Marx poderá caminhar para a construção de sua "Crítica da Economia Política", a qual tem seu primeiro momento na Miséria da Filosofia de 1847. É aí que Marx vê iniciar-se sua obra científica em Economia.⁽⁵⁹⁾ Neste sentido, podemos dizer que é Ricardo a força principal de seu redirecionamento teórico. É o mestre Ricardo e outro mestre, Hegel, que estarão no fundo e na estrutura de O Capital.⁽⁶⁰⁾

⁵⁸ MANDEL, Ernest. *A formação do pensamento econômico de Karl Marx*. Rio de Janeiro, Zahar, 1968. p. 49.

⁵⁹ MARX, Karl. *Prefácio a Para a crítica da Economia Política*. p. 137.

⁶⁰ As edições das obras de Ricardo, Smith e Marx compulsadas para a presente análise foram as seguintes: SMITH, Adam. *A Riqueza das Nações*. 2 v. Os Economistas. São Paulo, Abril Cultural, 1983; RICARDO, David. *Princípios de Economia Política e de Tributação*. 2 ed. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1978; MARX, Karl. *O Capital*. 3 tomos (6 volumes). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968, 1970 e 1974. Também foram utilizadas a tradução espanhola da Fondo de Cultura Económica, 8ª reimpressão de 1973, e a tradução portuguesa da Abril Cultural (Os Economistas) de 1983. Para o livro IV de *O Capital* utilizou-se a edição da Ediciones Brumário, Buenos Aires, 2 volumes, 1974 denominada *História crítica de la teoría de la Plusvalía*.

4.2 A liquidação da Economia Política Clássica

A conclusão da Economia Política Clássica é, também, a conclusão do processo de ascensão do capitalismo ao poder. A vitória burguesa está completa; ao nível político ela se dá com a Revolução Francesa, a captura e transformação do Estado em Estado burguês. Ao nível econômico ela se dá com a Revolução Industrial Britânica, a construção das forças produtivas capitalistas. A vitória burguesa, a complementação de seu caminho até o poder, encerra a etapa heróico-progressista da burguesia. No plano das idéias ela significa o abandono de suas bandeiras fundamentais, aquelas que lhe tinham feito classe e projeto-revolucionários ante a permanência feudal. Agora encastelada no poder, a burguesia decretará o fim da História, autoproclamando-se como realização da "razão", do que de melhor é possível chegar-se - "O melhor dos mundos possíveis" como diria o Doutor Pangloss. Não é fortuito, inteiramente, que o último grande livro da Economia Política Clássica seja publicado em 1848, ano da "grande revolução europeia", que é a última da burguesia e a primeira do proletariado. Trata-se dos Principles de John Stuart Mill. Com isto não se quer afirmar esquematismo. Muitos leram esta questão, como significando incapacidade definitiva do pensamento burguês de produzir qualquer contribuição científica relevante no campo da economia. Contraprovas desta afirmação são as obras de Weber, de Schumpeter, de Keynes e suas inequívocas contribuições teóricas, apesar e além do método e instrumental teórico que utilizaram, do ponto de vista de classe que adotaram.

É com Ricardo que a Economia Política Clássica realiza-se, completa-se profundamente. Isto significa que há com Ricardo o coroamento de um processo, que a herança teórica ricardiana será objeto de uma dupla intervenção - 1) os que a rejeitaram posto que "nociva socialmente"; 2) os que se apropriaram dela como instrumento de uma crítica radical ao capitalismo. O primeiro grupo é a extensão e aprofundamento da chamada "Economia Vulgar" representada por Bailey, Senior, MacCulloch, Carey. Tal corrente é a preparação para a emergência de princípios como os da Gosseu, Cournot e Jevons, que são a matriz da chamada "revolução jevoniana" - "revolução marginalista". O segundo grupo é a apropriação "socialista" da teoria ricardiana, o chamado "socialismo ricardiano" de Thomas Hodgskin, de William Thompson... O pensamento de Ricardo no centro de uma disputa onde se o rejeita e se o apropria no contexto de uma nova etapa do desenvolvimento histórico do capitalismo, onde a Economia Política Clássica é dilacerada pelo fato mesmo de ter encerrado seu papel. A realização da Economia Política é a realização da vitória burguesa, é o desenlace da caminhada burguesa até o poder - "Vejam os exemplos da Inglaterra, sua economia política clássica aparece no período em que a luta de classes não estava desenvolvida. Ricardo, seu último grande representante, toma, por fim, conseqüentemente, como ponto de partida de suas pesquisas, a oposição entre os interesses de classe, entre o salário e o lucro, entre o lucro e a renda da terra, considerando, ingenuamente, essa ocorrência uma lei perene e natural da sociedade; com

isso, a ciência burguesa da economia atinge um limite que não pode ultrapassar. Ainda no tempo de Ricardo e em oposição a ele, aparece a crítica à economia burguesa na pessoa de Sismondi".⁽⁶¹⁾

A Economia Política Clássica tem trajetória complexa. Sismondi, como Malthus, representa pontos de vista distintos no fundamental sobre questões políticas, econômicas e ideológicas; têm em comum, entretanto, a rejeição à lei de Say, a visualização da crise como resultado do processo mesmo da acumulação - "Sismondi, like Malthus, argued that 'consumption is not the necessary consequence of production', and that 'a rapid growth of production will inevitably provoke the outbreak of general crises'".⁽⁶²⁾ A visão crítica de Sismondi sobre o capitalismo, sua rejeição é típica de uma pequena burguesia radicalizada, herdeira da tradição jacobinista. Em Malthus, a crítica à escola clássica e ao grande capital é a manifestação do ponto de vista dos grandes proprietários de terra. Ronald Meek, em seu livro Economia e Ideologia⁽⁶³⁾, estende-se longamente em demonstrar o caráter estrito e problematicamente "progressista" da defesa da lei de Say por Ricardo, contra a crítica de Malthus, na medida em que ela servia como defesa da industrialização contra o particularismo conservador de Malthus.

Keynes, em seu famoso ensaio biográfico sobre Malthus, fala do enorme atraso, 150 anos, que a hegemonia ricardiana teria custado à teoria econômica. Ora, há nesta afirmação um triplo problema: 1) por um lado não era apenas Malthus que combatia a lei de Say, como comprova igual rejeição de Sismondi; 2) não há qualquer hegemonia ricardiana senão que uma radical onda de rejeição e condenação; 3) que a lei de Say em hipótese alguma é ponto central ou imprescindível à teoria ricardiana, que sua supressão não altera no fundamental aquela teoria.

Neste ponto, poder-se-ia argumentar que tanto John Stuart Mill quando Alfred Marshall mantiveram suas filiações ricardianas e exerceram formidáveis influências teóricas. Nos dois casos trata-se de infusão eclética e problemática onde princípios fundamentais da teoria ricardiana são substituídos-negados, em função das "conquistas" do pensamento econômico vulgar-marginalista. Stuart Mill adotará a teoria da abstinência de Senior como origem do lucro - "Although he based his book on Ricardo's systems, it would be difficult to find a single major Ricardian or post-Ricardian economist whose theories Mill did not accept and work into his own systems. From Malthus he took the theory of population, from Say his doctrine on crises, like Torrens, he turned the labour theory of value a theory of production costs; following Baley, he limited his analysis to the conception of 'relative' value. From James Mill and MacCulloch he accepted the wager fund doctrine (which he repudiated in 1969), and from Senior the theory of abstinence".⁽⁶⁴⁾ Este amálgama teórico, no entanto, não o impediu de, tal como Sismondi e os

⁶¹ MARX, Karl. *O Capital*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968. p. 10.

⁶² RUBIN, Isaac Ilyich. *A history of economic thought*. London, Ink Links, 1979. p. 339.

⁶³ MEEK, Ronald. *Economia e ideologia*. Rio de Janeiro, Zahar, 1971.

⁶⁴ RUBIN, Isaac Ilyich, *op. cit.* p. 356.

socialistas ricardianos, ser um crítico do sistema capitalista, prefigurando, em termos, os fabianos que, ao par do socialismo, adotaram, também, a teoria marginalista.⁽⁶⁵⁾

Alfred Marshall em seu Principles, de 1890, pretende resgatar a herança ricardiana. Para tanto, buscará demonstrar que os princípios fundamentais da teoria marginalista já estavam em Ricardo, que não houve na verdade uma "revolução jevoniana".

Alfred Marshall combate a idéia da existência de uma "revolução jevoniana" com grande ênfase. Insistirá Marshall que: 1) não há "transformação radical nas formas do pensamento econômico" promovida por Jevons; 2) existem vários antecedentes, autores, que vieram construindo o edifício da nova teoria econômica, como Cournot (1838), Dupuit (1844), Gossem (1854). A colocação de Marshall é no sentido de que o que foi promovido uma "grande reforma", através da adoção de "linguagem semimatemática", nas palavras de Marshall: "Uma grande reforma se tem operado nas formas do pensamento econômico durante a geração presente, pela adoção geral da linguagem semimatemática para exprimir a relação entre pequenos aumentos de quantidade de uma mercadoria, de um lado e, de outro, pequenos aumentos no preço total pago por ela; e, também, pela formal compreensão destes pequenos aumentos de preço como medida de pequenos aumentos correspondentes de prazer" (...) "Jevons, de repente, deteve a opinião pública pela sua brilhante lucidez e pelo seu estilo interessante. Ele empregou a nova expressão utilidade final, engenhosamente, de modo a habilitar mesmo pessoas que nada sabiam da ciência matemática a ter idéias claras das relações gerais entre as pequenas variações de duas coisas que se estão alterando gradualmente, uma em conexão com a outra. Seu sucesso foi ajudado até pelas suas faltas. Na convicção sincera em que estava de que Ricardo e seus sucessores, na exposição das causas que determinam o valor, erraram irremediavelmente, deixando de insistir sobre a lei da saciedade das necessidades, ele levou muitos a pensar que haviam ocorrido grandes erros; embora, na realidade, apenas tivesse aduzido algumas explicações importantes".⁽⁶⁶⁾

Em sua tarefa de mostrar que não há mudança substantiva entre as colocações de Jevons e a de Ricardo, senão que aquela reforça aspectos que são compatíveis, e que foram notados sem maior realce pelo último, Marshall acaba por obscurecer a Ricardo, descaracterizando traços essenciais de seu pensamento.

Uma reconhecida afirmação é aquela que relaciona a teoria da produtividade marginal de Wicksteed com a teoria da renda diferencial de Ricardo. Atribui-se a Ricardo a paternidade dessa "lei natural" dos rendimentos decrescentes que atuaria sobre os "fatores de produção".

Ora, essa é uma apropriação indébita da colocação de Ricardo e um filho que Ricardo certamente rejeitaria. A teoria da renda diferencial de Ricardo é realidade técnica (natural) que é certamente inegável e absolutamente admissível como sendo manifestação do fato natural de que as terras têm fertilidades

⁶⁵ SHAW, Bernard e outros. *Fabian essays*. London, George Allen e UerWin, Jubilee Edition, 1950.

⁶⁶ MARSHALL, Alfred. *Princípios de economia*. Rio de Janeiro, 1946, p. 103.

diferentes e que, aplicadas as mesmas quantidades de trabalho e capital em lotes de terra de tamanhos iguais, mas de diversas fertilidades, o rendimento da terra, a produtividade do trabalho nos vários lotes de terras será diferente, correspondendo maior produtividade à terra mais fértil.

Significa isso que, à medida que a população cresce, que avança a acumulação de capital, surge a necessidade de se lançar mão de terras de pior qualidade (menos férteis) e que tais terras, para as mesmas quantidades de trabalho e capital, têm rendimento menor. Este é um fato técnico, agronomicamente determinável e sem qualquer intuito de fundar uma teoria da produtividade em geral, como o fazem os teóricos marginalistas dizendo estarem simplesmente desenvolvendo as idéias ricardianas.

Em sua tarefa de mostrar o caráter evolutivo-linear do pensamento econômico, Marshall dedica apêndice de seus famosos Princípios ... ao estudo da teoria do valor de Ricardo. Começa por dizer que, na verdade, "Ricardo não utilizou a expressão utilidade total e marginal porque não conhecia o cálculo diferencial",⁽⁶⁷⁾ e que se "queremos compreendê-lo exatamente, devemos interpretá-lo generosamente (grifo nosso), com mais largueza de espírito do que ele próprio interpretou Adam Smith".⁽⁶⁸⁾

Em outro momento Marshall vislumbra em Ricardo idéia que antecederia as idéias de Senior, Jevons e as suas próprias a respeito do papel da abstinência, do sacrifício, da espera sobre os lucros. Diz Marshall: "e por último na secção V, ele resume a influência que as inversões de diferentes durações, quer diretas quer indiretas, terão sobre os valores relativos, afirmando, com razão, que, se todos os salários sobem ou caem juntos, a alteração não terá efeito permanente nos valores relativos das diferentes mercadorias. Mas sustenta que, se a taxa de lucro baixa, fará baixar os valores relativos das mercadorias cuja produção requer um capital a ser investido bastante tempo antes que elas possam ser entregues ao mercado. Pois, se num caso a inversão média é por um ano e requer a adição de dez por cento à folha dos salários, a título de lucros, e noutro é por dois anos e exige vinte por cento, acontecerá então que uma baixa de um quinto nos lucros reduzirá a adição no último caso de 20 para 16 e no primeiro de 10 para 8 (se os custos em trabalho direto são iguais, a relação entre os seus valores antes da alteração será 120/110 ou 1,091; e depois da alteração 116/108 ou 1,074, uma queda aproximada de 2%). Seu raciocínio é, manifestamente, apenas provisório. Nos últimos capítulos, ele leva em conta outras causas de diferenças nos lucros de diferentes negócios, além do prazo da inversão. Parece difícil imaginar como poderia por em relevo mais vigorosamente o fato de que o Tempo ou a Espera, tanto quanto o Trabalho, é um elemento do custo de produção, só que ocupando com este estudo o seu primeiro capítulo. Lamentavelmente, todavia, ele se limitou a poucas frases, pensando que seus leitores supririam sempre por si os desenvolvimentos que apenas lhes sugeriu".⁽⁶⁹⁾

⁶⁷ MARSHALL, Alfred. *op. cit.* p. 731.

⁶⁸ MARSHALL, Alfred. *op. cit.* p. 730.

⁶⁹ MARSHALL, Alfred. *op. cit.* p. 732-3.

Chegamos, então, ao miolo da argumentação de Marshall. No parágrafo 3 de seu apêndice, ele diz que tanto Ricardo quanto Jevons estavam errados e ambos estavam certos, e (pensa, mas não diz) que mais certo que os dois estava ele próprio, Marshall, na medida que conciliava as duas idéias. Assim, ele diz que Jevons errou ao dizer que "o valor depende inteiramente da utilidade", Ricardo errou ao fazer depender o valor somente do custo de produção. Marshall sintetiza assim a sua conciliação: "O 'princípio do custo de produção' e o da 'utilidade final' são, indubitavelmente, partes integrantes de uma lei geral da oferta e da procura, comparando-se cada um deles a uma das lâminas de uma tesoura. Quando uma lâmina se mantém parada, e o corte é efetuado pelo movimento da outra, podemos dizer com uma brevidade pouco exata, de que o corte foi feito pela segunda; mas a observação não pode ser feita de modo formal nem defendida de ânimo deliberado".⁽⁷⁰⁾

A lâmina da oferta é regida pelo "princípio do custo de produção", a lâmina da demanda pela lei da "utilidade marginal". Na versão marshalliana do custo real, as determinações objetivas dadas por quantidades de trabalho são substituídas por avaliações subjetivas do desprazer que causa o trabalho (desutilidade), o sacrifício que implica a abstinência do capitalista (espera) e a temeridade que cerca a atividade empresarial (risco), são todas considerações dos agentes econômicos que determinam o custo real que agora é transformado em "custo real subjetivo". Dobb, em seu livro Uma Introdução à Economia, cita trecho de Marshall onde é claro o seu conceito de custo real de produção: "O esforço das diversas classes de trabalho que estão direta ou indiretamente envolvidas na sua produção, junto com a abstinência, ou antes, com as esperas necessárias para economizar o capital utilizado na sua produção, todos estes esforços e sacrifícios conjuntos serão chamados custo real de produção das mercadorias. A soma de dinheiro que se deve pagar por estes esforços e sacrifícios chamar-se-á - ou custo de produção em dinheiro, ou gastos de produção; são estes os preços que se tem de pagar para obter uma oferta adequada de esforços e esperas necessários para produzir a mercadoria, - ou por outras palavras, são o seu preço de oferta".⁽⁷¹⁾

Finalmente, Marshall encerra seu apêndice sobre a teoria do valor de Ricardo dizendo que os críticos de Ricardo acreditavam ter descoberto uma nova teoria do valor e que demoliram o edifício clássico. Marshall olha com superioridade os críticos de Ricardo como, também, a este e diz que em lugar de demolição houve simples desenvolvimento ou extensão da velha doutrina".⁽⁷²⁾

⁷⁰ MARSHALL, Alfred. *op. cit.* p. 737.

⁷¹ MARSHALL, Alfred. Citado por DOBB, Maurice. *Uma introdução à economia*. Lisboa, s.d. p. 65.

⁷² MARSHALL, Alfred. *op. cit.* p. 738.

5 ESTRUTURA E MÉTODO EM "O CAPITAL"

5.1 Introdução

A obra de Marx é vasta e complexa, fêz-se em vários níveis. Do jornalístico à profundidade de tratados sistemáticos, da análise conjuntural à formulação de teoria geral. Da política militante dos programas e manifestos à crítica filosófica. Obra que não se furtou a nenhuma questão importante de sua época, que percorreu e refez os caminhos das ciências sociais/humanas, conectando-os, buscando articulá-los numa reflexão abrangente que desse conta da totalidade do fenômeno histórico-social: economia, história, sociologia, antropologia...

Inconclusa em vários pontos, obra seminal, gerou e continuará a gerar interpretações e leituras, poliédrica que é. Muito do que se disse e continuará a ser dito a respeito da obra de Marx não é apenas resultado do seu caráter inconcluso. É sobretudo manifestação de sua insuperável abrangência e convite a que se a renove, realize-a no contato com as novas realidades. Ser ortodoxo com relação ao marxismo é ser ortodoxo com relação ao método, disse Lukács. E o método é o trilhar do conceito, é a chave que permite abrir o real, revelar-se-lhe o interior, sua estrutura, destruir o manto de aparências e enganos que recobrem-no, a pseudoconcreticidade. O método, arma afiada, mapa e obra de arte. Sim, porque não, se o Estado já foi visto assim por Burckhardt, se mesmo o assassinato assim foi posto por De Quincey? Método como arquitetura e vida, pulsar, dinâmica. Não é possível compreender o método se não se vê em suas circunvoluções, em sua dupla natureza granítica e móvel, metamorfose. A pedra que é pedra mas que num outro momento é também metal purificado e este que por fim realizar-se-á como arma ou ferramenta...

Quantas leituras da obra de Marx? Quantas interpretações? Quantas traduções-traições... Quantas tentativas de decifrar, explicar, atualizar, superar o marxismo... Quantos "ABCs", quantas "críticas profundas", quantas "leituras"... Quantos herdeiros, quantos detratores, inimigos... Quantos abandonos, quantas falsas fidelidades, quanto dogmatismo e quanto escapismo! Quantos crimes não se cometeu e se comete em nome do marxismo, do socialismo? Não há como negar, não é preciso negar. A grande resposta a tudo isso é que não há antídoto maior e mais eficaz contra estas mazelas que o próprio marxismo. Nenhum pensamento, nenhum sistema é capaz de pôr denúncia destas tragédias mais firme e consistentemente que o marxismo. Ele é ainda a "filosofia insuperável do nosso tempo".

Kosik em seu Dialética do Concreto fala-nos de O Capital como "odisséia" da mercadoria, aproxima a exposição de Marx da epopéia homérica e extrai daí sutis e belos efeitos. Obra, arquitetura artística, simétrica, esteticamente concebida. Ao mesmo tempo o rigor expositivo, a revelação de descobertas científicas fundamentais. Em O Capital, a "economia" é exposta segundo um rigoroso plano filosófico - trama conceitual polifônica - "A filosofia na sua relação com a economia é concebida como uma trama metodológica - lógica subjacente ao texto, ou como lógica aplicada".⁽⁷³⁾

⁷³ KOSIK, Karel. *A dialética do concreto*. op. cit. p. 145.

O Capital arquitetura, trama polifônica, "odisséia", obra de arte, portanto. É esta dimensão, talvez, que tenha inspirado Eisenstein a querer filmar aquela crítica da economia política.⁽⁷⁴⁾ Transpor para as imagens um movimento, o movimento dos conceitos, a trama lógico-genética, a articulação dialética das categorias lógico-históricas. Tal irrealizado projeto cinematográfico teria se transformado em mais uma "leitura de O Capital, mais uma tentativa de dar conta de sua estrutura lógica. A montagem dialética de Eisenstein teria, certamente, enriquecido ainda mais esta aparente inesgotável máquina de suscitar interpretações que é O Capital. Aqui mais uma vez a aproximação com a arte. É como máquina de gerar interpretações que Umberto Eco conceitua o romance.⁽⁷⁵⁾ Arte e rigor não são certamente antinômicos. Arte e Razão não se excluem: que se pense no formidável equilíbrio das artes plásticas renascentistas, na música de Bach, de Mozart, em Goethe e Thomas Mann...

Mas o equilíbrio e brilho formais não são puras exteriorizações, cascas descoladas do miolo-conteúdo, são as formas necessárias e inescapáveis dos conteúdos em que estão imersos. O sinuoso caminho dos conceitos, a metamorfose das categorias são as manifestações possíveis e necessárias de um discurso que quer captar uma realidade móvel e contraditória. É como estrutura móvel, caleidoscópio, como trajetória da contradição, da posição e da negação que O Capital se constrói.

A história da elaboração de O Capital é rica em acontecimentos e planos que não se realizaram, redações sucessivas de variantes, um grande e fundamental esboço, os Grundrisse, livros inconclusos e apenas um, dos quatro projetados, publicado em vida do autor. Esta complexa trama de acontecimentos faz do estabelecimento definitivo de O Capital uma investigação com toda chance de se mostrar inverificável. Há, é claro, a inequívoca autoridade de Engels, sua posição quase de co-autoria do sistema de Marx. Entretanto, isto não foi suficiente para evitar novas releituras, novas edições dos manuscritos de Marx, como por exemplo a que empreendeu Maximilian Rubel. Ao mesmo tempo, a descoberta e publicação de manuscritos inéditos de Marx, como o capítulo VI de O Capital, escrito em 1865 e publicado em 1933, como os manuscritos Econômico-Filosóficos, escritos em 1844 e publicados em 1932; os Grundrisse, escritos em 1857/58 e publicados em 1939, revelam aspectos do pensamento de Marx que para muitos foram desconcertantes; é o caso de Althusser, ao passo que para outros foi a chave para a iluminação do essencial da estrutura analítica do sistema de Marx: é o caso da obra magistral de Rosdolsky dedicada aos Grundrisse.

Todos sabem que Althusser se notabilizou como aquele que "viu" como inconciliáveis "o jovem" e o "maduro" Marx. O Marx da maturidade "científico" e rigoroso nada tinha a ver com o Marx da juventude imerso em metafísica e antropologia, "ideológico". O corte "epistemológico" cuidou de deixar de fora da "ciência" de Marx o conceito de Alienação, tido como sobrevivência daquele insuportável passado metafísico-ideológico. Neste esforço Althusser dividiu a etapa "propriamente marxista" da obra

⁷⁴ BERNADET, Jean Claude. Posfácio a METZ, Christian. *A significação no cinema*. São Paulo, Perspectiva, 1972, p. 290.

⁷⁵ ECO, Umberto. *Pós-escrito a Nome da rosa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

de Marx como iniciando-se em 1857-58. Há aí, é claro, um problema, já que o próprio Marx no Prefácio à Contribuição à Crítica... data em 1847, com a Miséria da Filosofia, o início de sua obra científica na Economia Política. Ainda que supondo que Althusser tenha razão contra Marx a respeito da obra deste, a publicação do Capítulo VI de O Capital e dos Grundrisse causara avaria insanável na ousada nave althusseriana. Nestes dois textos escritos em período que o próprio Althusser classificou de científico reaparece com toda a ênfase e centralidade o conceito de alienação - "As passagens relativas à alienação abundam nos Grundrisse e reduzem ao nada a tese de John, de Cornu, de Bottigelli, de Buhr e de Althusser. Não somente o conceito de alienação não é "pré-marxista", mas faz parte do instrumentarium de Marx chegado à maturidade plena. Lendo atentamente O Capital, pode-se encontrá-lo aí igualmente, aliás, mesmo que algumas vezes sob uma forma inteiramente modificada".⁽⁷⁶⁾

Há, também, os que aceitando o "corte epistemológico" fizeram a leitura contrária, isto é, entenderam o jovem Marx "superior" por seu conteúdo "ético-humanista" ao da maturidade, ou ainda os que entenderam já contido nos textos de juventude o essencial de O Capital.⁽⁷⁷⁾

Ambas as perspectivas anteriores têm em comum não considerarem a diferença substancial entre as duas etapas da obra de Marx; não considerarem a diferença entre a concepção antropológica e a concepção histórica do trabalho - "A dialética materialista significa, pois: compreender a lógica dialética a partir do contexto 'trabalho', a partir do metabolismo dos homens com a natureza, sem conceber o trabalho de maneira metafísica (seja teologicamente, enquanto necessário para a salvação, seja antropológicamente, enquanto necessidade para sobrevivência)".⁽⁷⁸⁾

Fundamentalmente o que falta a tais visões é aplicar ao próprio Marx a receita que ele próprio adotou - a dialética. Trata-se de conceber a relação entre o "jovem" e o "maduro" Marx como relação dialética, de superação, em que há continuidade e ruptura, conservação e ultrapassagem.

Ressaltar o lugar central da dialética no pensamento de Marx significa, certamente, reconhecer a presença de Hegel. É este o sentido da insistência de Lênin sobre a importância da Lógica de Hegel na construção teórica de O Capital. Como construção dialética, como trajetória, movimento de conceitos ao mesmo tempo lógico e históricos, eis a arquitetura de O Capital.

Conhecemos como O Capital um conjunto de 4 livros escritos por Marx e publicados respectivamente em 1867, 1885, 1894 e 1903. O primeiro tratando da Produção do Capital publicado por Marx, o segundo sobre a Circulação do Capital publicado por Engels, o terceiro também publicado por Engels, versando sobre o processo conjunto da produção e circulação do capital e, finalmente, o último livro, publicado por Kautsky, sobre a história das teorias sobre a mais-valia.⁽⁷⁹⁾

⁷⁶ MANDEL, Ernest. *A formação do pensamento econômico de Karl Marx*. op. cit. p. 180.

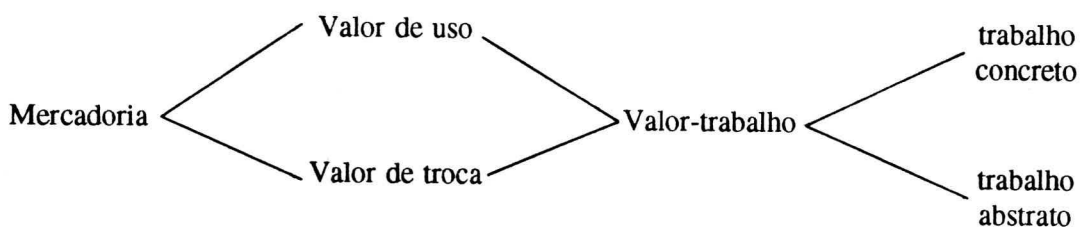
⁷⁷ MANDEL, Ernest. op. cit. p. 168.

⁷⁸ HABERMAS, J. citado por MANDEL, Ernest. op. cit. p. 173.

⁷⁹ ROSDOLSKY, Roman. *Génesis y estructura de El Capital de Marx*. México, Siglo XXI, 1978, cap. I e II.

O Livro I, que tem 25 capítulos sobre a produção do capital, o único efetivamente "acabado", tem uma estrutura rigorosamente equilibrada e artística. Trata-se de um longo e denso itinerário, no qual a mercadoria, de sua solidão enquanto objeto isolado e singular, irá se transformando, mudando de pele, até que ao final reaparecerá fulgurante e problemática sob a forma de capital, conjunto de mercadorias, relação social de produção, poder de comando sobre o trabalho.

A eleição da mercadoria como ponto de partida da análise é a manifestação do caráter do método - "pode-se dizer que a categoria mais simples pode exprimir relações dominantes de um todo menos desenvolvido, relações que já existiam antes que o todo tivesse se desenvolvido, no sentido que se expressa em uma categoria mais concreta".⁽⁸⁰⁾ Totalidade simples, prefiguração do todo em toda a sua complexidade; eis a mercadoria. Sua trajetória ao longo do livro se expressa como conjunto de metamorfoses, desdobramentos, refusões, novos desdobramentos...



- Trabalho socialmente necessário - Dinheiro - Capital - Mais-valia - Capital.

O Livro II, sobre a circulação do capital, tem 21 capítulos. Nos seis primeiros trata-se de pôr as metamorfoses do capital, a tríade de circuitos em que ele se apresenta: ciclo do capital-dinheiro, ciclo do capital-produtivo e ciclo do capital-mercadoria. Dos capítulos VII a XVII, discute-se a Rotação do Capital e dos capítulos XVIII a XXI, a Reprodução. É no livro II que se põe a problematização entre os momentos distintos da produção e da realização. É, também, lá que se encontra a possibilidade de tratar, do ponto de vista de Marx, das questões que hoje se chamam "Demanda Efetiva". Questão que em Marx adquire significado teórico mais complexo e abrangente que em seus teóricos "modernos".

No Livro III realizam-se os seguintes movimentos: 1) como a mais-valia se transforma no lucro (capítulos I a VII); 2) como o lucro se transforma em lucro médio (capítulos VIII a XII); 3) a tendência à queda da taxa de lucro (capítulos XIII a XV); 4) formas particulares de apropriação do lucro: 4.1) capital mercantil (capital financeiro e capital comercial) capítulos XVI a XXXVI; 4.2) Renda da terra (capítulos XXXVII a XLVII); 5) O Rendimento e suas Fontes (capítulos XLVIII a LII), que se interrompe no início de uma discussão sobre as classes sociais.

O Livro IV, sobre o pensamento econômico, discute fundamentalmente os fisiocratas, Adam Smith, David Ricardo, a Economia Vulgar e os "socialistas ricardianos".

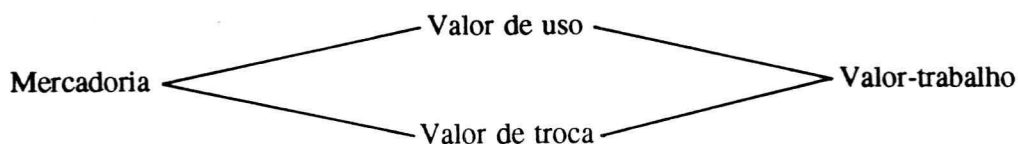
⁸⁰ MARX, Karl. *Introdução para a crítica da economia política*. op. cit. p. 124.

5.2 Estrutura de "O Capital"

Há uma exigência irrecorrível. É preciso ver a dialética no Capital não como adjacência - lateralidade - expediente. É preciso pôr a dialética como essencialidade metodológica e material. A dialética não está em lugar oculto, embrumado, furtiva à iluminação. A dialética põe-se na vida dos conceitos, é sua alma, é o que os faz capazes de transformarem-se, apropriarem-se do real, confundirem-se com a realidade.

Uma "odisséia" da mercadoria, como diz Kosik. O Capital é a exposição das várias passagens, das várias... negações - sínteses - negações... da mercadoria em sua peregrinação até constituir-se como capital; tal "odisséia" será retratada aqui sob a forma de movimentos.

1º Movimento



O ponto de partida deste movimento, como de toda a série, é a realidade da troca que, inicialmente esporádica e puntual, tende a se generalizar, universalizar-se como forma por excelência de garantia da reprodução material em uma sociedade marcada pela divisão do trabalho e pelo "isolamento" dos produtores uns dos outros, posto que sociedade baseada na propriedade privada. Este tipo de sociedade mercantil é o ponto de partida para constituição da sociedade mercantil capitalista. Nesta a troca generalizou-se, submetendo o conjunto das relações sociais, mercantilizando até mesmo o trabalho que, sob a forma de força de trabalho, torna-se o núcleo essencial do processo de produção. A sociedade mercantil capitalista é a vitória das trocas que se tornam regulares, sistemáticas, essenciais e equivalenciais. É sobretudo sobre esta última característica das trocas ocorrerem sob a forma de equivalente que é preciso se debruçar.

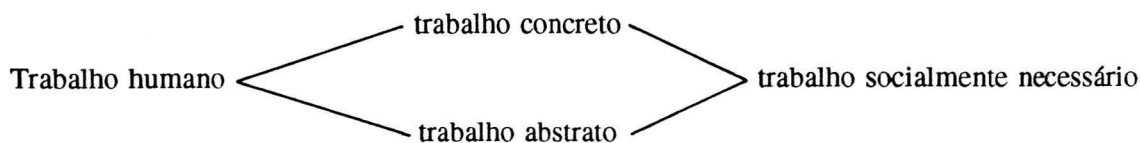
Como é possível a realização desta exigência, onde o invisível mecanismo capaz de estabelecer o padrão de equivalência? Em primeiro lugar é inevitável começar por reconhecer que o mercado realiza cotidiana e imperceptivelmente esta sutil operação de igualação em que as mercadorias se trocam equivalencialmente, contemplando objetivamente os parceiros da troca, estabelecendo a "verdade" das trocas. Este o misterioso atributo do mercado. Para se revelar é preciso que nos concentremos no objeto mesmo da troca - na mercadoria. Analisando-a, descobrimos que por detrás de sua aparência insólita esconde censura essencial: a mercadoria é unidade dialética de duas dimensões - valor de uso e valor de troca. Enquanto valor de uso a mercadoria é só utilidade, qualidade útil. Enquanto valor de troca ela só é quantidade, só se expressa nas relações quantitativas com que as mercadorias se trocam.

Imediatamente a visualização do mercado, das trocas afigura-se como rumor e agitação, diversidade, uma infinidade de pares de troca ocorrendo à luz de uma aparente e inconciliável heterogeneidade. O esforço analítico que tem que ser feito deve ter como meta ultrapassar a aparência errática do mercado. Neste sentido, é preciso, ao mesmo tempo que afirmar a equivalência nas trocas, reconhecer que tal equivalência não será explicitada senão se se ultrapassar a dupla dimensão da mercadoria (valor de uso - valor de troca). Enquanto valor de uso as mercadorias são pura heterogeneidade, incomensuráveis todas enquanto utilidades. Enquanto valor de troca as mercadorias são puras quantidades igualmente incomparáveis em suas unidades de peso, medida - X Kg de A = Y m de B; Z dúzias de C = W horas de D...

Ultrapassar a dupla dimensão da mercadoria é descobrir que para além de unidade dialética de valor de uso e valor, a mercadoria é síntese-valor, que é desta forma valor da mercadoria que se extrai a compreensão da troca equivalencial. As mercadorias se trocam por equivalentes na medida mesma que são valores e que estes valores não são senão trabalho humano, que a substância do valor das mercadorias não é senão trabalho humano.

Descobre-se assim que a igualdade dos diversos pares de troca é a igualdade dos diversos trabalhos através da igualação das diversas mercadorias que estes trabalhos realizaram. Isto, entretanto, põe outra dificuldade; trata-se da heterogeneidade dada dos diversos trabalhos, ofícios, profissões, igualmente incomensuráveis em sua imediatez material.

2º Movimento



A dificuldade encontrada no fim do movimento anterior põe-se como derivada da dupla natureza do trabalho que é ao mesmo tempo a possibilidade de sua superação. O trabalho desdobra-se em duas dimensões: trabalho concreto - trabalho produtor de valores de uso, trabalho enquanto esforço-técnico-material; trabalho abstrato, trabalho humano universal, trabalho enquanto parte do tecido social geral do trabalho humano, trabalho abstrato despido de toda a materialidade, pura substância social. É esta substância social abstrata do trabalho que possibilita a comparação, a igualação dos trabalhos. Iguala-se-os através da igualação das mercadorias que geraram, iguala-se-os porque em última instância foram reduzidos a tempo. Assim a igualação das mercadorias nas trocas é possível porque, em última instância, as mercadorias não são mais que cristalizações de trabalho humano, apresentam-se sobretudo como tempo de trabalho, tempo de trabalho socialmente necessário que é, assim, a medida do valor das mercadorias. Deste modo, quando são comparadas e igualadas duas mercadorias (20 m de linho = 1 casaco), não se está mais que comparando e igualando dois tipos de trabalho, o do tecelão e do alfaiate, que são reduzidos a trabalho humano, substância do valor, e finalmente a tempo de trabalho, medida do valor.

Então, a possibilidade da troca equivalencial apóia-se na presença do trabalho abstrato. A essencialidade do trabalho abstrato na construção teórica de Marx não é, entretanto, apenas um problema conceitual. "O trabalho abstrato é movimento de abstração, redução que se opera também no próprio real". Tal posição é a resposta necessária aos que buscaram ver o trabalho abstrato ou como "generalização fisiológica" ou como "construção do espírito".⁽⁸¹⁾ O trabalho fisiológico é apenas pressuposto do trabalho abstrato, não se confunde com ele.

Que se diga, finalmente, que está suposto destreza e intensidade média do trabalho e que o valor é, então, inversamente proporcional à produtividade do trabalho.

3º Movimento/A Forma do Valor

Valor - dinheiro

Neste movimento trata-se de encontrar a forma universal do valor: o dinheiro. A descoberta - construção do dinheiro é uma reposição. Novamente o que se coloca é, a partir do dado imediato e irrecorrível da troca, das relações de troca, encontrar-se a forma universal do valor, o dinheiro. Sabemos já que a substância do valor é o trabalho e que sua medida é o tempo de trabalho. Partimos para chegar até a compreensão destes fatos da troca: $A = B$, $C = D$, $E = F...$; descobrimos que tais igualdades são legítimas porque $A = T$, ou seja, porque A tem sua substância valor no trabalho, então, que $A = T$, que $B = T$, que $C = T$, que $D = T$ etc... Descobrimos, finalmente, que T pode ser medido, que T é tempo de trabalho. Temos, agora, que refazer o caminho: a partir das relações de troca (dos valores de troca) chegarmos de novo, ao valor. Mais que isso, chegarmos à forma universal do valor - a forma dinheiro do valor.

A forma simples, singular, fortuita, acidental do valor. X mercadoria $A = Y$ mercadoria B ; 20m linho = 1 casaco; $A = B$. Marx chama o primeiro membro da equação de Forma Relativa do Valor e o segundo de Forma Equivalente do Valor. Descobre assim que o corpo da mercadoria B é aqui espelho onde o valor da mercadoria A se refletirá. Ou seja, que o valor da mercadoria A só pode se expressar em contato com uma outra mercadoria, diferente dela, que a sua identidade - valor só se expressa na alteridade.

Nesta relação entre Forma Relativa e Forma Equivalente do Valor, põe-se, de maneira essencial, o caráter dialético do real e da análise de Marx. - O valor de uso da mercadoria B é o veículo necessário e intransponível da expressão do seu "outro", o valor de troca, o valor. O trabalho humano concreto, produtor de valores de uso é a forma de expressão do seu "outro" trabalho abstrato. Também está presente nesta relação uma outra antinomia - o caráter geral da mercadoria enquanto valor só se expressa na particularidade do valor de uso. Finalmente, esta contradição entre caráter geral da mercadoria e sua expressão particular enquanto valor de uso se resolve quando, na troca real, a mercadoria adquire uma

⁸¹ RUBIN, Isaak I. *Ensayos sobre la teoria marxista del valor*. Buenos Aires, Pasado y Presente, 1974, cap. XIV.

forma de existência social diferente de sua forma de existência natural, na dissolução do valor em sua forma dinheiro, equivalente universal.⁽⁸²⁾

A Forma Extensiva ou Desdobrada do Valor:

Z da mercadoria A = u da mercadoria B
" = v " C
" = w " D
" = x " E etc.

ou ainda:

20m linho = 1 casaco
" = 10kg chá
" = 40kg café
" = 1 quarter de trigo
" = 2 onças de ouro
" = 1/2 tonelada de ferro
" = etc.

que é:

A = B
A = C
A = D
A = E
A = F
A = G
etc.

Tal série, que é a expressão do valor relativo do linho em n - 1 equivalentes particulares tem a inconveniência de sua extensão e ilimitação. Marx, então, mostra-nos numa passagem ao mesmo tempo banal e plena de implicações histórico-lógicas que se:

A = B	então	B = A
A = C		C = A
A = D		D = A
A = E		E = A
A = F		F = A
A = G		G = A

Respeitou-se a matemática elementar e descobriu-se o equivalente geral do valor:

1 casaco	=	20m de linho
10kg chá	=	"
40kg café	=	"
1 quarter de trigo	=	"
2 onças de ouro	=	"
1/2 toneladas de ferro	=	"

⁸² MARX, Karl. *O Capital*. Livro I, cap. I.

Está posto e revelado o segredo da forma geral do valor, a descoberta da forma dinheiro do valor é um dado histórico. Trata-se da eleição do ouro como equivalente universal em dinheiro, ou seja:

se	B = A	então	A = F	20m linho = 2 onças de ouro
	C = A		B = F	1 casaco = "
	D = A		C = F	10kg chá = "
	E = A		D = F	40kg café = "
	F = A		E = F	1q. trigo = "
	G = A		G = F	1/2t ferro = "

Por que o ouro? Há razões físico-químicas, econômicas e históricas para esta eleição. De qualquer forma a "escolha" do ouro como dinheiro é sobretudo historicidade. As propriedades físico-químicas do ouro - sua durabilidade e baixo grau de oxidação, sua flexibilidade e facilidade de amedamento. Suas propriedades econômicas: a particularmente adequada relação valor/peso, trabalho-valor. Finalmente, sua consagração como dinheiro está ligada à sua relativa escassez de ocorrência e à descoberta precoce de suas jazidas e de sua metalurgia.

A série de metamorfoses até a descoberta da forma dinheiro do valor não deve obscurecer que a "questão do dinheiro" estava desde o início posta, desde a primeira e elementar forma do valor - a forma singular do valor. Já ali o equivalente particular é uma prefiguração do dinheiro, o casaco que se apresentava como forma equivalente do valor do linho não é senão a antevisão da forma dinheiro, sua manifestação particular. Assim como ouro é a hipostasia da forma equivalente particular, sua universalização.

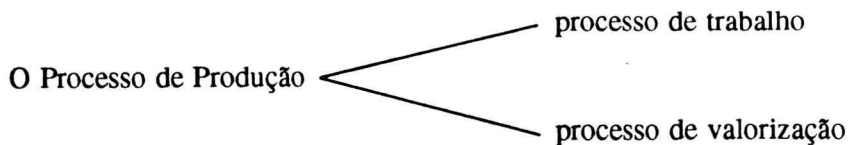
4º Movimento

Dinheiro —————> capital: (D - M ... P ... M' - D')

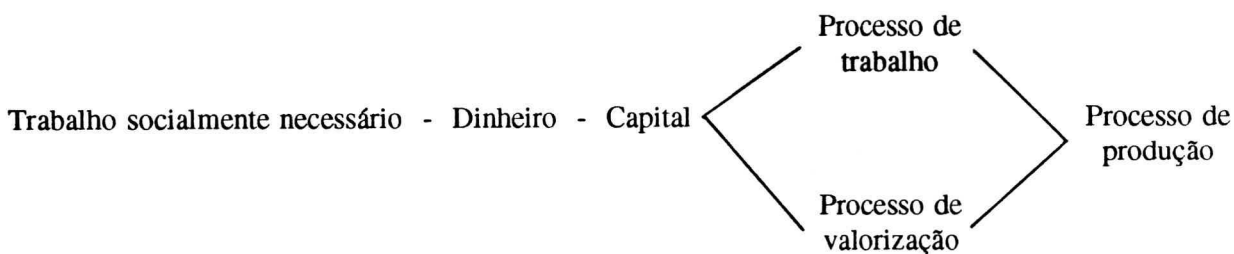
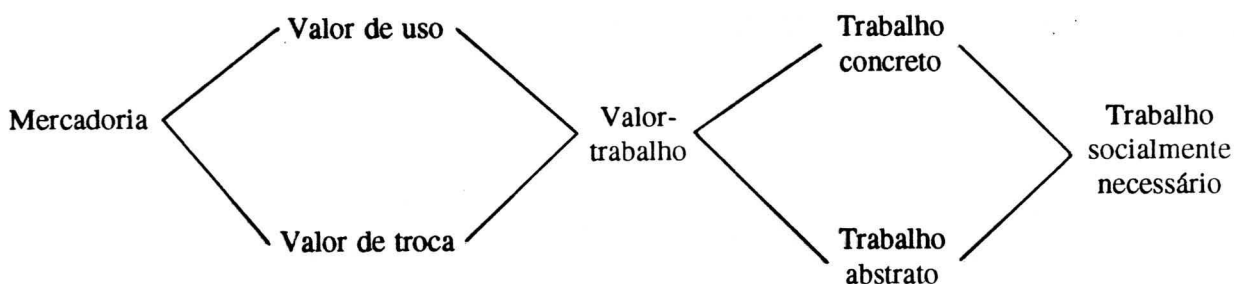
A distinção do dinheiro que só é meio de circulação (M - D - M) do dinheiro que é capital (D - M - D) é a posição do caráter mesmo da produção capitalista, que é sobretudo processo de produção de valor e mais-valia. Tal processo se realiza através do processo de produção de mercadorias. Tal processo se viabiliza pela compra e uso (consumo) pelo capitalista de dois conjuntos básicos de mercadorias: meios de produção (instrumentos de trabalho e matérias-primas) e força de trabalho.

A análise desse processo resultará na descoberta do atributo exclusivo do valor de uso da força de trabalho, que é produzir valores de uso, produzir valor e mais-valia, produzir valores de uso em quantidade superior à necessária a sua reprodução, a qual é apropriada pelo capitalista sob a forma de mais-valia.

5º Movimento

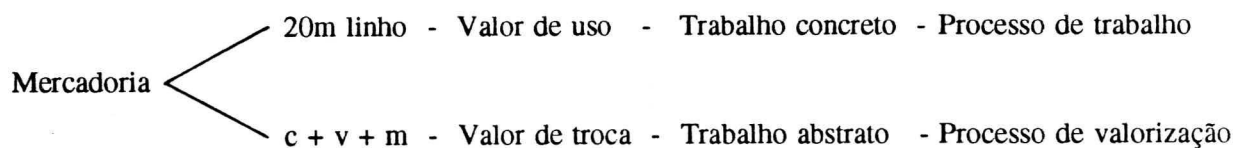


Movimento síntese: movimento resultado.



Nesta série, salientaram-se duas tríades: 1) Valor de uso - trabalho concreto - processo de trabalho; 2) valor de troca - trabalho abstrato - processo de valorização. Nelas, a realização do caráter dúplice e contraditório da mercadoria, do valor, do trabalho e do processo de produção. Nela, a materialização da dialética em O Capital.

A mercadoria posta em suas múltiplas determinações:



- processo de produção de mercadorias.

E não se encerra aí o trabalho dos conceitos, seu evolver-se. Há ainda um 6º Movimento, o que corresponde à transformação do capital em mais-valia. E, finalmente, um 7º Movimento - como a mais-valia se transforma em capital, a própria acumulação de capital.

Sete movimentos, metamorfoses. À plasticidade de uma realidade que se move é necessário que se construam conceitos igualmente vivos. É então que avulta essencial compreender radicalmente a centralidade da dialética na construção de O Capital - "O que queremos dizer é simplesmente que toda a crítica de O Capital que não toma a sério a dialética como discurso da contradição só pode conduzir a uma regressão."⁽⁸³⁾ Compreender/realizar a dialética, eis o desafio que O Capital nos mobiliza. Compreender uma lógica que se faz processo/práxis, que recusa a reduzir-se à identidade, como o exigem muitos que negam/subestimam a dialética em Marx, em geral.

Em O Capital a posição do movimento, a sucessão de etapas do conceito que a cada momento negam-se, superam-se, conservam-se, num refazimento sistemático da negação, apresenta-se logo na primeira fase do Livro I - "A riqueza das sociedades onde rege a produção capitalista configura-se em imensa acumulação de mercadoria, e a mercadoria, isoladamente considerada, é a forma elementar dessa riqueza. Por isso, nossa investigação começa com a análise da mercadoria."⁽⁸⁴⁾

Da riqueza à sua unidade elementar, a mercadoria. Desta ao capital, forma por excelência da riqueza sob o capitalismo. Todo o segredo, então, põe-se, desde o imediato, na mercadoria, desde a sua aparente banalidade - "lo que para Marx califica a la mercancia como célula originaria es el hecho de que la forma de la mercancia es un fenómeno económico a partir del qual una linea continua histórico-genética conduce hasta el capital y el capitalismo, así como el hecho de que la forma mercantil es en el mecanismo al capitalismo desarrollado la forma económica elemental cuya captación es presupuesto de la comprensión de las formas económicas más complicadas del capitalismo..."⁽⁸⁵⁾

A estrutura da exposição de O Capital é, certamente, o núcleo mais expressivo da dialética em Marx. É no evolver, na metamorfose necessária das categorias que se põe o caráter dialético da obra. Muitos atores querem que esta questão se encerre exatamente aqui. Ou seja, a dialética em Marx é um método, uma maneira de captar e expor a natureza do existente. Com isso, querem explicitamente demarcar a diferença entre a dialética em Marx, que é apenas método da dialética em Hegel, que é também ontologia, maneira do ser, estrutura do real - "que a aplicação por parte de Marx, da categoria da contradição à realidade capitalista não é consequência, como frequentemente se defendeu, do fato de Marx considerar a realidade em geral (natural e histórica) como contraditória, já que isso significaria imputar a Marx uma visão da realidade como realidade ideal no sentido de Hegel, mas antes do fato de Marx, embora considerando, materialisticamente, a realidade como regida pelo princípio da não-contradição, atribuir a

⁸³ FAUSTO, Ruy. *Marx - lógica e política*. São Paulo, Brasiliense, 1983. p. 122.

⁸⁴ MARX, Karl. *O Capital*. Livro I. p. 41.

⁸⁵ ZELENY, J. *La estructura logica de "El Capital"* de Marx. Barcelona, Gijalbo, 1974. p. 56.

contradição especificamente ao capitalismo, uma vez que, para ele, o capitalismo é uma realidade 'subvertida', enquanto expressão última e perfeita da cisão que desfez a unidade originária e natural dos homens entre si e dos homens com a natureza."⁽⁸⁶⁾

Esta posição de Napoleoni visa estabelecer uma cômoda distância de Marx em suas fontes "idealistas", circunscrevendo a dialética, a contradição. Em Napoleoni, ressoa perceptivelmente a exigência que também foi a de Colleti de reduzir a dialética em Marx à gnoseologia, a retirar-lhe qualquer pretensão ontológica. Entretanto, esta importante questão assume em Marx o caráter de oscilação, ambigüidade - "se algumas expressões marcam a diferença irredutível entre a dialética enquanto método de exposição e o movimento efetivo do conteúdo, outros acentua a pretensão propriamente dialética de uma forma de exposição que expresse integralmente e exclusivamente o movimento efetivo do material, desde que este tenha sido analiticamente investigado e a sua maturação histórica o tenha levado a um ponto de diferenciação e organicidade suficientes para a exposição... O método não é mais a forma do automovimento do conteúdo que se expõe, mas um procedimento de reconstrução categorial que pressupõe o trabalho prévio de investigação das ciências empíricas e a maturação histórica do objeto para então expor sua lógica interna de acordo com os nexos que a análise apreendeu entre suas determinações".⁽⁸⁷⁾

É então no reconhecimento e explicitação da diferença entre método de exposição e método de investigação que é preciso compreender a dialética em O Capital. Se na investigação o ponto de partida é sobretudo arbitrário, na exposição, o início, o ponto de partida é a explicitação da coisa como nos diz Kosik - "Aquilo de onde a ciência inicia a própria exposição já é resultado de uma investigação e de uma apropriação crítico-científica da matéria. O início da exposição já é um início mediato, que contém em embrião a estrutura de toda a obra".⁽⁸⁸⁾ É por isso que Marx, em sua derradeira intervenção teórica no campo da economia, nas Glosas Merigianas ao Tratado de Adolfo Wagner, diz que o objeto de O Capital não é o valor, mas a mercadoria. A descoberta dos amplos segredos da sociedade mercantil capitalista encontra a sua forma necessária na exposição da mercadoria e em seus sucessivos desdobramentos - "A dialética pode ser o modo de exposição racional de um objeto depois que a investigação o conduziu pela análise e pela crítica ao ponto em que ele esteja maduro para a exposição... A função paradigmática da dialética hegeliana para Marx... em antecipar em sua lógica especulativa estruturas racionais que Marx, na sua análise do capitalismo, reconheceu como exprimindo de maneira crítica algumas dimensões econômicas fundamentais da sociedade burguesa dominada pela relação capitalista de produção".⁽⁸⁹⁾

⁸⁶ NAPOLEONI, Cláudio. *O valor na ciência econômica*. Lisboa, Presença, 1980. p. 99.

⁸⁷ MULLER, Marcos L. "Exposição e método dialético em O Capital". *Boletim SEAF*, nº 2, Belo Horizonte, 1982. p. 30.

⁸⁸ KOSIK, Karl. *Dialética do concreto*. op. cit. p. 31.

⁸⁹ MULLER, Marcos L. op. cit. p. 31.